



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

**INTERVENÇÃO JUDICIAL COM CRIANÇAS:
A INFLUÊNCIA DAS FASES DO
DESENVOLVIMENTO E DO TIPO DE QUESTÕES NA
ENTREVISTA FORENSE**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Ana Raquel Lira

Porto, outubro de 2012



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

**INTERVENÇÃO JUDICIAL COM CRIANÇAS:
A INFLUÊNCIA DAS FASES DO
DESENVOLVIMENTO E DO TIPO DE QUESTÕES NA
ENTREVISTA FORENSE**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Ana Raquel Lira

Trabalho efetuado sob a orientação de

*Prof. Doutora Raquel Matos
Mestre Catarina Ribeiro*

Porto, outubro de 2012

Resumo

Os crimes de abuso contra crianças são um fenómeno em ascensão ao nível teórico devido à sua maior prevalência e visibilidade no sistema judicial, bem como do mediatismo dos casos mais recentes. O aumento do número de casos é ainda acompanhado pelo crescente interesse pelas identidades judiciais, de identificar a criança como uma preciosa e, por vezes, única fonte de informação nos diversos crimes.

Assim, reconhecendo-se as particularidades desenvolvimentais da criança, exige-se que o seu envolvimento nas investigações forenses seja apropriado, evitando-se a sua vitimização secundária e a destruição e contaminação de provas.

Nos últimos anos têm-se vindo a reconhecer técnicas, *guidelines* e protocolos indispensáveis na investigação forense com crianças, pelos vários intervenientes e ao longo do processo, com a finalidade de diminuir o impacto da envolvimento da criança do sistema judicial.

O presente estudo tem o objetivo de contribuir numa investigação mais alargada que procura a adaptação do protocolo de entrevista forense a crianças vítimas de abuso sexual do NICHD (National Institute of Child Health and Human Development), ao contexto português.

Encarando o objetivo geral como uma tradução e adaptação a uma cultura, apresentamos a influência das características do desenvolvimento da criança no decorrer de uma entrevista forense como o nosso objetivo específico dentro desta investigação.

Palavras-chave: abuso de crianças, testemunho da criança, vitimização secundária, entrevista forense, protocolo NICHD, tipo de questões, desenvolvimento cognitivo da criança, idade pré-escolar.

Abstract

Child abuse crimes are theoretical raising phenomena due to its prevalence and importance in the justice system, as well as the media disclosure of the most recent cases. The rising number of cases is accompanied by the rising concern of the legal entities in identifying the child as a precious and often only source of information in the most diverse crimes.

Thereby, acknowledging the child's developmental specificities, it is mandatory that the child's implication in a forensic investigation to be appropriate, avoiding it's secondary victimization which, besides being harmful to the child, can destroy and contaminate evidence.

The recent years have come to recognize techniques, guidelines and protocols needed in forensic research with children, by various stakeholders throughout the process, in order to lessen the impact of the child's immersion in the judicial system.

This study aims to contribute to a wider investigation that seeks to adapt the forensic interview protocol for children victims of sexual abuse, from NICHD (National Institute of Child Health and Human Development), to the Portuguese context.

Facing the general objective as a translation and adaptation to a culture, we present the influence of the child's development characteristics during a forensic interview as our main objective in this investigation.

Keywords: child abuse, child witness, secondary victimization, forensic interview, NICHD protocol, type of questions, cognitive development, preschoolers.

Índice

Resumo	II
Abstract	III
Índice	IV
Índice de quadros	VI
Índice de tabelas.....	VII
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico.....	2
1. As características desenvolvimentais envolvidas na entrevista forense	2
1.1. Linguagem.....	3
1.2. Memória.....	4
1.3. Desenvolvimento moral	5
2. Dimensões específicas a ponderar sobre a entrevista forense com crianças.....	7
2.1. Mentira	7
2.2. Fantasia	7
2.3. Credibilidade	8
2.4. Sugestionabilidade	9
2.5. A compreensão do sistema judicial pela criança	9
3. O papel do entrevistador.....	10
4. Protocolo do NICHHD	11
5. Tipo de questões	12
5.1. <i>Questões Abertas</i>	13
5.2. <i>Facilitadores</i>	13
5.3. <i>Questões Diretas</i>	14
5.4. <i>Questões orientadas</i>	14
5.5. <i>Sugestivas</i>	15
Capítulo II – Metodologia.....	16
1. Amostra	16

2. Procedimentos.....	17
3. Instrumentos.....	17
3.1. Filme.....	17
3.2. Protocolo do NICHHD – Guião de entrevista forense do NICHHD	18
3.3. Grelha de codificação	19
4. Tratamento de dados.....	22
4.1. Análise quantitativa.....	22
4.2. Análise qualitativa.....	23
Capítulo III – Apresentação e discussão de resultados	25
1. Análise Quantitativa.....	25
1.1. Estatística descritiva	25
1.2. Estatística Inferencial.....	28
2. Análise Qualitativa	34
Capítulo IV – Conclusão	42
Bibliografia.....	48
ANEXOS.....	i
Anexo I – Tabelas análise quantitativa	ii
Anexo II – Guião de Entrevista Forense do NICHHD	viii
Anexo 3 – Exemplos de Entrevistas Recolhidas.....	xxii

Índice de quadros

Quadro 1 – Grelha de análise das tipologias das questões do entrevistador..... 20

Quadro 2 – Quadro 2 – Grelha de análise das declarações das crianças.....21

Índice de tabelas

Tabela 1 - Frequências das declarações fornecidas pela criança durante as entrevistas	ii
Tabela 2 – Frequências dos tipos de declarações das crianças durante as entrevistas.....	ii
Tabela 3 - Frequências de detalhes fornecidos pela criança durante as entrevistas	ii
Tabela 4 - Frequências de detalhes para cada tipo de questão do entrevistador	iii
Tabela 5 - Frequências dos tipos de questões que o entrevistador usou nas entrevistas	iii
Tabela 6 - Frequências de novos factos imaginados	iii
Tabela 7 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino relativamente à quantidade de declarações proferidas na entrevista.....	iv
Tabela 8 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino quanto ao tipo de declarações das crianças proferidas durante a entrevista).....	iv
Tabela 9 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino relativamente à quantidade de detalhes por feridos durante a entrevista.....	iv
Tabela 10 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino quanto à aplicação de cada tipo de questão.....	v
Tabela 11 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e o sexo masculino relativamente à quantidade de novos factos imaginados.....	v

Tabela 12 - Diferenças entre as diferentes idades das crianças relativamente à quantidade de declarações proferidas na entrevista.....	v
Tabela 13 - Diferenças entre as diferentes idades das crianças relativamente ao tipo de declarações proferidas na entrevista.....	vi
Tabela 14 - Diferenças entre as diferentes idades das crianças relativamente à quantidade de detalhes proferidos na entrevista.....	vi
Tabela 15 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino quanto à aplicação de cada tipo de questão.....	vii
Tabela 16 - Diferenças entre as diferentes idades das crianças relativamente à quantidade de novos factos imaginado.....	vii

Introdução

É nos casos de abuso que, sendo o testemunho da criança, por vezes, a única prova disponível, importa saber mais sobre a sua capacidade de recordar e descrever os crimes de que é testemunha ou vítima (Magalhães & Ribeiro, 2007).

De facto, nos últimos anos tem-se apelado e promovido a envolvimento da criança nos processos judiciais em que se encontra referida como vítima ou testemunha, no entanto, existe uma curiosidade crescente sobre o impacto psicológico que o reviver das memórias pode despoletar, bem como pela credibilidade do seu testemunho. Mesmo compreendo a necessidade de abandonar o seu papel passivo, importa pensar na *vitimação secundária* (Ribeiro, 2009) que poderá surgir da narração dos factos vivenciados e da sua repetição junto dos vários intervenientes nos processos judiciais [(Doerner & Lab, 1998) cit in. Ribeiro, 2009; LaRooy, 2010].

Em Portugal, a questão da audição da criança nos seus processos tem sido debatida na esfera jurídico-penal, sendo que a entrevista forense com crianças se tem apresentado como um método de investigação crucial (Ribeiro, 2009).

Como Ribeiro (2009) refere, é necessário que se conheça mais sobre as questões do desenvolvimento que podem condicionar a narrativa das crianças, apelando não só aos fatores que lhe são internos mas também externos. Ou seja, reconhece-se a existência de fatores que podem reduzir ou maximizar o valor do testemunho da criança e que englobam questões relativas ao seu nível de desenvolvimento, às características próprias do processo ou as técnicas utilizadas pelo entrevistador (Lamb, Hershkowitz, Orbach & Esplin, 2010; Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011).

Nesta linha, o presente estudo procura compreender o impacto do nível de desenvolvimento na entrevista forense, avaliando se, tal como é questionado e sugerido pela literatura, crianças com menos de 6 anos disponibilizam menor quantidade e qualidade de informação que as crianças mais velhas (Lamb *et al*, 2007b; Saywitz & Camparo, 1998; Snow *et al.*, 2009),

O presente estudo trata-se ainda de uma vertente de uma investigação mais alargada onde se pretende a adaptação de um protocolo de entrevista forense aplicado a crianças vítimas de abuso criado pelo NICHD (National Institute of Child Health and Human Development), ao contexto português.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

No presente capítulo apresentamos uma contextualização teórica que permite integrar e compreender os principais fatores influentes no decorrer da investigação forense com crianças, nomeadamente na entrevista forense.

Em primeiro lugar debruçar-nos em algumas características desenvolvimentais que estão envolvidas na entrevista, apresentando-as detalhadamente e enquadrando-as no contexto forense. Segue-se uma reflexão sobre as dimensões apontadas como preocupações advindas da envolvimento de menores no contexto jurídico-penal, procurando assim desmistificar conceitos apresentados como fragilidades.

Em seguida abordamos o papel do entrevistador no decorrer de uma intervenção com crianças, refletindo sobre as condicionantes que podem advir da sua ação, salientando o que tem sido referido como boas praticas profissionais.

Por último apresentamos o protocolo do NICHD - instrumento que neste estudo adota um papel de objeto de investigação e de recolha de dados - o qual contextualizamos e justificamos a ascensão na comunidade científica forense.

No seguimento das técnicas de recolhas de dados, descrevemos as tipologias de questões que, para além de serem refletidas durante o protocolo, necessitam de uma atenção individual, uma vez que são apontadas como um fator com que pode condicionar a informação que a criança transmite nas entrevistas forenses.

1. As características desenvolvimentais envolvidas na entrevista forense

Os processos cognitivos envolvidos no decorrer de uma entrevista forense evocam estruturas e capacidades que se vão desenvolvendo desde a infância até à idade adulta. No entanto, e como exploraremos a seguir, muitos destes processos operam desde idades precoces e encontram-se bastante consolidados antes da adolescência, influenciando o desempenho das crianças nas entrevistas forenses (Cassel & Borklund, 1995).

Importa realçar que as entrevistas forenses reclamam a necessidade da realização de um avaliação do desenvolvimento global da criança, permitindo despistar e considerar possíveis atrasados ao nível das estruturas psicológicas e físicas que interferem nos processos cognitivos. Deste modo é possível integrar e compreender comportamentos, emoções e sentimentos, interpretando-os à luz do

nível de desenvolvimento da criança e percebendo se esses se tratam de uma estrutura de funcionamento ou se revelam, por exemplo, consequência da situação de vitimação (Pearce & Pessot-Pearce, 2007; Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011).

1.1. Linguagem

O desenvolvimento da linguagem – sistema de comunicação baseado em palavras, sistema gramatical e gestos de uma cultura (Papalia, Olds & Feldman, 2001) – assume-se como uma competência essencial na entrevista forense, uma vez que é através desta que a criança consegue refletir sobre si, os outros, locais e objetos e comunicar as suas necessidades, sentimentos e ideias (Carvalho, 1979).

O processo de desenvolvimento linguístico ilustra a interação entre todos os aspetos do desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social, uma vez que depende da maturação das estruturas físicas para produzir os diferentes sons e fonemas, bem como das conexões neuronais que possibilitam a criação de esquemas mentais que estruturam conceitos e a associação destes a significados e sons (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

A linguagem apresenta um desenvolvimento gradual que inicia com o discurso pré-linguístico, no qual a criança emite sons que não são palavras mas que alertam para a sua insatisfação (exemplo do choro) ou apenas imitações acidentais de sons (idem). Esta fase inicial permite que as crianças desenvolvam as estruturas físicas e cognitivas necessárias para a linguagem, percebendo o impacto da emissão dos diferentes sons e da associação entre estes e as diferentes pessoas, objetos, emoções e ações. Há que enfatizar ainda o papel dos irmãos, pais e outros falantes que lhes vão apresentando mais vocabulário e que as apoiam no seu aperfeiçoamento. Assim, a criança vai criando um espólio de associações que a levarão à compreensão de cada vez mais conceitos e constructos (Castro & Gomes, 2000).

Reconhece-se, no entanto, que até à ocorrência do fenómeno do surto lexical – crescimento repentino do vocabulário num curto intervalo de tempo que ocorre aproximadamente aos 2 anos de idade (idem) - existe uma forte limitação no sucesso das entrevistas forenses, associada à incompreensão de alguns conceitos. Assume-se que para além das delimitações narrativas, existem limitações ao nível da memória que permite associar os conceitos. Deste modo, é admitido que até então, não se encontram reunidas condições para o sucesso na realização de entrevistas com as crianças (Saywitz & Camparo, 1998).

No entanto, os estudos apontam que mesmo depois desse crescimento exponencial do número de palavras aprendidas, as crianças com menos de 6 anos ainda não compreendem o sentido de algumas palavras, pelo que a interpretação do discurso de um adulto pode ser repleta de ambiguidades (Jones, 2003 cit. in Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011).

Alguns autores afirmam que por volta dos 10 anos de idade, a capacidade de interpretação e uso de palavras, principalmente as introdutórias a questões, se tornam menos ambíguas, levando a uma concordância entre a pergunta e a resposta da criança (Jones, 2003 cit. in Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011). No entanto é importante reforçar que Snow e colaboradores (2009) concluíram que, independentemente da idade, as crianças têm capacidade de desenvolver declarações detalhadas sendo que as mais velhas apresentam mais detalhes que as mais novas. Relativamente ao género da criança, é defendido que as crianças do sexo feminino facultam informação mais detalhada que crianças do sexo masculino, independentemente da sua idade (Hershkowitz, Horowitz & Lamb, 2005).

Já Saywitz e Camparo (1998) concluíram que o facto da esfera jurídica possuir uma linguagem particular, limita ainda mais a compreensão do que é dito às crianças. Esta interpretação tende a ser dificultada se as crianças perceberem que a comunicação tem um registo hostil e que é feita por alguém que não costuma falar com crianças, levando-as a estados de ansiedade elevados e que dificultam a coerência do discurso.

Afirma-se então que pelos fatores até aqui explanados, os entrevistadores devem procurar adequar o seu léxico e expressividade ao nível de desenvolvimento da criança, avaliando e interpretando os dados recolhidos segundo as características desenvolvimentais das crianças (Saywitz & Camparo, 1998).

1.2. Memória

Relativamente ao processo cognitivo da memória sabe-se que, mesmo em tenras idades, as crianças conseguem reter e organizar narrativas coerentes sobre factos passados (Steward, 1993 cit in Lamb, Hershkowitz, Orbach, & Esplin, 2010).

Desde os 2/3 anos de idade, as crianças são capazes de evocar memórias e verbalizar uma situação, relembrando-a com bastante informação, principalmente se esta aconteceu há menos de um mês (Cassel & Bjorklund, 1995; Lamb *et al.*, 2007a; Larsson & Lamb, 2009).

A teoria aponta que antes destas idades as crianças não possuem as estruturas cognitivas que lhe permitem codificar e reter a informação devido à imaturidade do sistema linguístico, utilizando apenas as memórias através da imagem (idem). A linguagem verbal permite atribuir não só significado como uma estrutura que pode ser integrada na memória autobiográfica da criança (Howe, Courage & Peterson, 1994 cit in Lamb, Hershkowitz, Orbach & Esplin, 2010).

A literatura refere também que alguns acontecimentos imaginados ou informação errónea sobre um acontecimento podem ser integrados como reais, no entanto, são principalmente os elementos positivos que levam a essa assimilação. Quando lhes é sugerida a ocorrência de um acontecimento, quanto mais novas são as crianças, mais tendência apresentam para confirmar a ocorrência de um acontecimento positivo, seja este mais ou menos plausível que um acontecimento negativo (Ceci & Bruck, 1993).

Com o passar do tempo, tal como os adultos, as crianças tendem a esquecer, cometendo alguns erros que são, predominantemente, de omissão (Steward, 1993 cit in Lamb, Hershkowitz, Orbach, & Esplin, 2010).

Outra questão importante é que a memória, seja qual for a fase de desenvolvimento do indivíduo, para além de reter informações fornecidas pelos cinco sentidos humanos, associa as emoções que o evento recordado transmitiu ou transmite no momento da sua recuperação, transformando-se numa memória única e pessoal (Loftus, 1979).

Gudjonsson e colaboradores (2010) concluíram que durante as entrevistas realizadas no seu estudo, as crianças mais jovens tiveram a mesma capacidade de relembrar informação que as crianças mais velhas. No entanto, enfatizaram que as primeiras demonstraram maior dificuldade de concentração durante as entrevistas o que pode, se não for devidamente acautelado, pode limitar a informação relembrada (idem).

1.3. Desenvolvimento moral

O desenvolvimento moral é o processo interno através do qual as crianças desenvolvem uma matriz de regras e normas sociais que lhe permite distinguir entre comportamentos *pró-sociais* e *antissociais*, dentro da sua cultura (Bersoff & Miller, 1993).

Esta é uma dimensão do desenvolvimento da criança que foi estudada desde muito cedo pelas ciências sociais, voltando a ter mediatismo através dos trabalhos de

Piaget em 1932 e a continuação da investigação por Kohlberg nos anos 60. Este último manteve como fundamentação teórica a relação direta entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento moral da criança (Papalia, Olds, Feldman, 2001).

Kohlberg diferenciou três níveis de complexidade do desenvolvimento moral (*pré-convencional, convencional e pós-convencional*), tendo-o relacionado com faixas etárias (Kohlberg, 1976). A *fase pré-convencional* seria o nível que abrangia as crianças até cerca dos 9 anos de idade e apresentava dois estádios: o *estádio de moralidade do castigo*, onde a criança procura não infringir regras para evitar castigos e o *estádio do interesse*, no qual a criança seguia as regras com o objetivo de satisfazer um determinado objetivo ou interesse imediato (cit in Ribeiro, 2009).

De facto, assim como o antecessor Piaget e o precursor Eisenberg, Kohlberg identifica que na fase da infância a criança foca a sua atenção para o cumprimento de regras evitando castigos, aceitando-as como inquestionáveis (Ribeiro, 2009).

Na sua maioria, estas regras são apresentadas nas relações com os adultos de referências, principalmente com os seus cuidadores e outras figuras adultas significativas. São estes que lhes demonstram a necessidade de aceitar as regras e valores, de modo inquestionável, levando a que a criança oriente o seu comportamento para a não infração, evitando o castigo (Papalia, Olds, Feldman, 2001).

Ora Cárdenas (2000) relembra que nos casos em que a criança é testemunha, mesmo não havendo intenção de criar um falso relato, esta tende a reproduzir o que os adultos de referência a instruíram a dizer. Esta situação pode resultar quer da imposição da regra de que não é permitido contar o que aconteceu – mesmo recorrendo apenas ao secretismo das situações de abuso, por exemplo -, quer através da transmissão de valores que façam com que a criança aceite, por exemplo, o abuso físico e sexual (Bruck, Ceci & Hembrooke, 2002).

No entanto, importa referir que as crianças tendem a compreender que o sistema judicial é uma entidade máxima, cheia de regras inquebráveis, o que pode levar a um conflito entre as *regras da família* e as *regras da lei* (Cárdenas, 2000).

É aqui que deixamos o nosso incentivo ao aprofundamento das questões do desenvolvimento moral na intervenção judicial com crianças, uma vez que se demonstra pertinente compreender qual o sistema de regras que esta tende a privilegiar. De facto, já se conhece que a construção de regras durante as entrevistas forenses orienta o discurso da criança [(Beusher & Roebbers, 2005) cit in. Teoh & Lamb, 2010), no entanto, importa conhecer mais sobre a construção da matriz de regras e valores da criança.

No ponto seguinte retomamos a discussão sobre o desenvolvimento moral embora sobre a interpretação do conceito de Justiça e compreensão do sistema judicial pela criança.

2. Dimensões específicas a ponderar sobre a entrevista forense com crianças

Como já referimos, as questões do desenvolvimento da criança têm sido acompanhadas por um leque de dúvidas relativamente à validade e pertinência do seu testemunho como prova judicial.

Apresentamos de seguida as principais dimensões que têm sido debatidas, deixando claro que não as iremos aprofundar nesta investigação, uma vez que o nosso objetivo se centra na avaliação das questões relacionadas com o desenvolvimento da criança e não na sua validação na área jurídico-penal.

2.1. Mentira

A mentira é uma das dimensões mais associadas e indicadas como fragilidade no testemunho das crianças, no entanto, a literatura defende que estas são capazes de distinguir a verdade da mentira a partir dos 3/4 anos de idade (Bruck, Ceci & Hembrooke, 2002). Estima-se que as crianças, por volta dos 10 anos de idade, possuam os mecanismos psicológicos necessários para mentir tal e qual como os adultos (Cassel & Bjorklund, 1995).

Com o evoluir da idade, as crianças são cada vez mais capazes de mentir sendo que o recurso a esta se traduz, principalmente, no evitamento do castigo (Bruck, Ceci & Hembrooke, 2002).

2.2. Fantasia

A fantasia aparece também referenciada como uma preocupação para a fiabilidade da avaliação forense com crianças. Relativamente a esta, é referido pelos estudos que a fase de maior recurso se situa entre os 3 e os 5 e se reflete em situações positivas nas quais as crianças saem triunfantes (Bruck, Ceci & Hembrooke, 2002).

Estes autores enfatizam que se trata de um processo psicológico normativo e adaptativo que se adequa às temáticas mais pertinentes de cada idade. As suas investigações apontam ainda para o facto destas fantasias raramente apresentam situações negativas e, conhecendo as dinâmicas dos abusos, constata-se que estas não são situações que atribuam uma sensação de triunfo à criança (idem).

2.3. Credibilidade

Outro fator importante na interpretação e valoração do testemunho da criança na esfera jurídico-penal é a credibilidade. Devemos destacar que esta se apresenta com um conceito jurídico e que engloba, para além da capacidade da criança testemunhas, todos os processos cognitivos, a qualidade da entrevista e do entrevistador, bem como o contexto em que os alegados abusos ocorreram. A este nível, a literatura propõe que a informação da entrevista forense e de toda a investigação seja analisada tendo em conta dados sobre a história pessoal e familiar da criança, as suas capacidades cognitivas, mnésicas, o impacto emocional e, principalmente, o que é e como é relatado pela criança. Esta abrangência e contraste de informação revelam-se pertinentes em casos de alegações falsas onde as crianças são usadas para denegrir a imagem de outrem sendo fortemente sugeridas sobre a ocorrência de abusos (Wakefield & Underwager, 1991).

Trankell (1963) afirmou ser possível identificar testemunhos credíveis através das declarações das crianças recorrendo aos critérios de realidade e de sequência. Segundo o autor, o critério da realidade permite avaliar declarações verdadeiras pela existência de detalhes, informação irrelevante e informação subjetiva e emocional; quanto ao critério da sequência, o autor menciona que a repetição do relato pela crianças vitimizadas leva-as a criar modificações nos detalhes periféricos, demonstrando que não foi um discurso construído, pensado e memorizado [(Trankell, 1963) cit. in Fernaud, 2000].

Concretizando esta linha de investigação, Undeutsch (1989) expôs exemplos concretos de identificadores de relatos credíveis, criando assim algumas linhas de orientação para a entrevista forense. Aponta que informações como a localização e detalhes espaciais e temporais, detalhes do ato de abuso e a referência a ameaças, pensamentos, sentimentos e alterações na relação emocional com o agressor são indicadores de um testemunho credível.

Quanto ao discurso da criança afirma que a correções espontâneas, dúvidas ou dificuldade em recordar alguns momentos ou detalhes, tendem a existir em relatos credíveis e são frutos de processos naturais da memória (*idem*).

2.4. Sugestionabilidade

Define-se sugestionabilidade como o nível de influência que os fatores externos têm no processo de codificação, retenção, recuperação e evocação de informação (Ceci & Bruck, 1995 cit. in Lamb *et al.*, 2007).

A par da credibilidade, este é um dos fatores mais contemplados nos estudos sobre o testemunho da criança e é igualmente apresentando como um tema controverso.

Quanto aos fatores que influenciam o grau de sugestionabilidade da criança, Gudjonsson (1987) afirma que algumas características da personalidade daquela (como baixa autoestima e baixo autoconceito) a tornam mais permeável a este fenómeno. Na opinião deste investigador as crianças com estas características têm tendência para responder afirmativamente a questões diretas e/ou em conformidade com a desejabilidade social [(Gudjonsson, 1987) cit in. Goodman & Melinder, 2007].

A literatura aponta ainda que a dificuldade em compreender conceitos ou na construção de declarações, pode levar a criança a ser sugestionada, na tentativa de ocultar fragilidades linguísticas ao entrevistador [(Clarke-Stewart *et al.*, 2004), cit in. Cunha, 2010].

Todavia, a maioria dos estudos defendem que perante a postura imparcial do entrevistador, as crianças tendem a resistir à sugestionabilidade [(Goodman e Aman, 1990), cit in. Bruck, Ceci & Hembrooke, 2002; Larsson & Lamb, 2009].

2.5. A compreensão do sistema judicial pela criança

A intervenção judicial com crianças enfatiza ainda necessidade de se compreender o que estas percecionam sobre o sistema judicial e a Justiça, uma vez que, na sua maioria, nunca tiveram contacto com o mesmo (Ribeiro, 2009).

Dos poucos estudos realizados neste sentido, propõe-se que a investigação sobre as percepções, conceitos e valores que a criança atribui à Justiça, seja avaliado através do conhecimento do vocabulário, das suas personagens, dos seus cenários e até mesmo das suas leis (Saywitz, 1989; Saywitz, Jaenick & Camparo, 1990). Na realidade, esta abordagem não parece demonstrar o que é que a criança entende por

Justiça e sistema judicial, mas sim os conceitos que lhe são familiares e que sabe descrever (Ribeiro, 2009).

A comunidade científica tem então apelado à criação de mais estudos como os de Puysegur e Corrouer (1987) que procuram realizar esta investigação através da análise do desenvolvimento moral. Os autores concluíram que o contato prévio com o sistema judicial pode influenciar o conceito que a criança tem de justiça (cit. in. Ribeiro, 2009). Desta forma os autores realçam a pertinência de perceber a influência do que a criança entende por justiça durante a entrevista forense, como de compreender o impacto que a passagem por um processo judicial tem sobre o seu conceito de sistema judicial (idem).

3. O papel do entrevistador

Os estudos realizados nas últimas décadas permitiram perceber que não são apenas as questões desenvolvimentais da criança que condiciona a informação adquirida na entrevista forense. As próprias características do acontecimento em investigação e as técnicas usadas pelo entrevistador podem-se revelar um entrave para a entrevista, condicionando assim todo o processo judicial (Lamb *et al.*, 2008; Pessot-Pearce, 2007).

O entrevistador tem um papel crucial na investigação uma vez que, ao ter contacto direto com as crianças, personifica o processo judicial com o qual, na sua maioria, nunca tiveram de lidar (Ribeiro, 2009).

Os entrevistadores devem estar cientes dos condicionalismos do momento de revelação, visto ser percecionado como um passo para graves consequências na família da criança ou de pessoas que lhe são significativas (DeVoe & Taller, 2002).

Por essa razão, apesar existir pouca informação sobre como se deve iniciar a abordagem às crianças em contexto forenses, é recomendado a procurar do estabelecimento de uma relação empática através de uma conversa neutra que remeta para assuntos que lhe são queridos (Home Office, 2002 cit. in Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011). Este momento proporcionará, através do desenvolvimento de sentimentos de confiança, neutralidade e empatia sobre o entrevistador, melhores condições para a questionar, mais tarde, sobre as questões do processo em que foi constituída vítima ou testemunha (Hershkowitz, Orbach, Lamb, Pipe, Sternberg & Horowitz, 2006; Carter, Bottoms & Levine, 1996)

Para além desta recomendação, Lamb *et al.* (2008) esclarecem que os entrevistadores devem explicar o propósito da entrevista, permitindo que as crianças tranquilizem e compreendam que o que estão a fazer irá ser benéfico para todos e que não são as responsáveis pelo processo e, por essa razão, não se devem preocupar com as consequências da divulgação (Lamb, Hershkowitz, Orbach & Esplin, 2008). Este momento inicial da entrevista demonstra-se crucial para estabelecer com a criança um conjunto de regras de conversação fazendo-a compreender o seu papel, orientando-a não sentido de ser informativas e se sintam mais confortáveis a contradizer informações, resistindo a sugestões (*idem*).

É de mencionar ainda que não existe um tempo considerado como ideal para o desenvolvimento de uma relação de empatia inicial, uma vez que, tal como Hershkowitz e colaboradores (2006) referem, o entrevistador pode necessitar de despende uma grande parte da entrevista neste momento (Hershkowitz, Orbach, Lamb, Pipe, Sternberg & Horowitz, 2006).

Outro ponto de preocupação do entrevistador deve ser o de esclarecer que a criança deve expor as suas dúvidas sobre as perguntas que lhe são feitas, podendo também admitir que não sabe a resposta ao que lhe é perguntado, sem qualquer consequência (Poole & White, 1995; Lamb, Hershkowitz, Orbach & Esplin, 2008).

4. Protocolo do NICHD

A comunidade científica tem vindo a compreender que a existência de instrumentos como os protocolos de entrevista potencia o contributo da vítima durante a entrevista forense. De facto estes têm comprovado que o recurso a estas ferramentas limita a contaminação dos relatos das crianças através da atuação do entrevistador ou das questões que coloca (Lamb *et al.*, 2008).

Devido ao seu rigor e pertinência, o protocolo de entrevista semiestruturado apresentado pelo NICHD tem-se demonstrado um dos instrumentos mais estudados, procurando-se a sua aferição em diversos países da Europa e de outros continentes (Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2008).

O principal objetivo do protocolo do NICHD é o de ser um guião de entrevista que oriente a investigação de forma eficaz e exploratória, promovendo a recolha de informação detalhada junto das crianças (Orbach *et al.*, 2000; Hershkowitz *et al.*, 2007). Pretende ainda ser um instrumento aplicável a crianças de todas as idades, melhorando a organização e implementação das entrevistas que lhes são realizadas (Lamb *et al.*, 2008).

Procuro respeitar o discurso das crianças tendo em conta o seu ritmo e as suas palavras (Pearce & Pessot-Pearce, 2007; Snow *et al.*, 2009) por forma a conseguir informação pertinente para investigação e que permita avaliar a veracidade do testemunho (Hershkowitz e colaboradores, 2007b).

Os autores deste instrumento ambicionam reunir condições para ser aplicado em criança de todas as idades, visto abordar as diversas dimensões do desenvolvimento cognitivo, linguístico, mnésico, sociomoral, emocional, relacional e indicadores de trauma psicológicos (Lamb *et al.*, 2008, Ribeiro, 2009).

Este guião menciona ainda os fatores externos da entrevista, salientando a necessidade de existirem condições adequadas que permitam que o testemunho da criança seja realizado num clima securizante, mesmo sem permissão e conhecimento dos cuidadores (Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011). A adequação deste clima refere-se também à relevância que o profissionalismo das equipas e instituições têm no testemunho da criança, alertando que a existência de um clima relacional securizante derruba obstáculos que poderiam condicionar o relato dos acontecimentos (Ribeiro, 2009).

De forma a corroborar com as condições já apresentadas, o protocolo NICHHD alerta para a urgência da entrevista com a criança, uma vez que no início do processo judicial esta se encontra mais acessível e colaborante. Refere ainda a necessidade evitar a repetição de relatos e a mudança de entrevistador ao longo do processo, maximizando a informação recebida e diminuindo a vitimação secundária da criança (Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011, Lamb *et al.*, 2007a; Ribeiro, 2009).

5. Tipo de questões

Na tentativa de compreender se as questões se poderiam apresentar como um fator influenciador do testemunho da criança na entrevista forense, Lamb e colaboradores (1996) levaram a cabo um estudo onde recorriam ao uso de cinco tipos de questões: *abertas, facilitadoras, diretas, orientadas e sugestivas*.

Esta exploração permitiu que na atualidade se conheça mais sobre a influência de cada uma, possibilitando condições para guiões de entrevista como o protocolo do NICHHD (Lamb *et al.*, 2010).

A partir das definições de tipos de questões de Lamb e colaboradores (1996), iremos aprofundar quais as conclusões retiradas sobre impacto do seu uso no decorrer da entrevista.

5.1. Questões Abertas

Denominam-se de *questões abertas* aquelas que permitem que a criança relate os acontecimentos e os seus detalhes de forma livre. (Lamb *et al*, 1996).

Concretamente, Lamb e colaboradores (2009) propõem que estas questões podem ser colocadas segundo uma *Segmentação Temporal* - onde se procura que a criança relate uma situação contextualizando-a num determinado período de tempo (ex.: “conta-me tudo o que aconteceu desde o início até ao fim...”) - e *Evocação Orientada*- onde se procura que a criança relembre detalhes sobre um determinado personagem/ ação/objeto concreto (ex: “disseste que a mãe estava chateada, conta-me tudo sobre isso”).

Segundo Ceci & Bruck (1993) e Lamb e colaboradores (2007), este é o tipo de questões que obtém mais êxito junto de crianças de todas as idades, providenciando grandes quantidades de informação e muitos detalhes. Este tipo de questões permite que a criança relate o acontecimento pelas suas próprias palavras, eliminando assim a sugestibilidade e encontrando elementos que permitem compreender se o relato é credível (Lamb *et al.*, 2008; Cyr & Lamb, 2009).

No entanto, Powell & Snow (2007) salientam que a informação contida nas respostas das crianças a este tipo de questões pode apresentar-se como dispersa, contendo dados que não são específicos nem têm relevo na investigação forense a decorrer (Powell & Snow, 2007)

Contudo, alguns investigadores alertam para o facto de que o uso de questões abertas pode não impedir que a criança recorra a frases curtas (Patterson & Pipe, 2009) e com pouca informação. De facto parece que estas questões não derrubam alguns fatores de ocultação dos crimes de abuso, como é o caso do contexto de secretismo desses acontecimentos [(Cederborg, Lamb, & Laurell, 2007; DeVoe & Faller, 2002; Lawson & Chaffin, 1992) cit in. Patterson & Pipe, 2009]

Todavia, os mesmos autores refletem que as condicionantes apresentadas não negaram o facto de que com o uso exclusivo de questões abertas durante a entrevista é possível que a criança relate a situação de abuso (Patterson & Pipe, 2009).

5.2. Facilitadores

Os facilitadores são palavras ou interjeições que demonstram a escuta ativa do entrevistador e apresentam-se como encorajadoras do discurso da criança (Lamb *et. al*, 1996). O entrevistador deve procurar recorrer a palavras-chave ditas pela criança, incluindo-as não só nas suas questões como utilizando-as como facilitadores, levando

a que a criança compreenda que está a ser ouvida e compreendida (Orbach, 2000; Cyr & Lamb, 2009).

Em conformidade com Lamb e colaboradores (1996), Orbach (2000) concluiu que o uso combinado dos facilitadores e das questões abertas permitem que o entrevistador recolha informação adequada e conduza a entrevista através de uma sequência que é compreendida pela criança.

5.3. Questões Diretas

Apresentam-se como *questões diretas* aquelas que orientam e condicionam o discurso da criança para detalhes e assuntos concretos que, na maioria das vezes, ainda não foram abordados pela criança (Lamb et. al, 1996).

A utilização de questões diretas não tem reunido consenso dentro da comunidade científica uma vez que se reconhece que estas podem auxiliar a condução da entrevista e a concentração da criança em detalhes e momentos mas limitam a espontaneidade do seu discurso (DeVoe e Taller, 2002).

Alguns investigadores defendem que a utilização ou não de questões diretas se prende com a idade da criança: aparentemente estas auxiliam as crianças mais jovens visto que a existência de pistas e a orientação para detalhes específicas colmata dificuldades relacionadas com o seu nível de desenvolvimento da linguagem e da memória (Lamb et al. 2010; Myklebut & Bjørklund, 2010).

5.4. Questões orientadas

Qualificam-se de questões orientadas aquelas cuja formulação transmite, sob a forma de escolha múltipla, as respostas possíveis e esperadas pelo entrevistador (Lamb et al, 1996).

Segundo alguns estudos, este tipo de questões leva a que a criança se sinta pressionada a responder, mesmo que não saiba a resposta (Lamb et al., 2007), completando lacunas da sua memória com informação sugerida pelo entrevistador (Ceci & Bruck, 1993). Aparentemente, a criança apresenta-se mais reticente em assumir que não sabe a resposta quando o entrevistador lhe parece alguém distante e que não está habituado a falar com crianças, esperando que esta corresponda com uma postura adulta, sem apresentar fragilidades (idem).

Lamb e colaboradores (2007b) acrescentaram ainda que no seu estudo, as crianças responderam mais às questões orientadas do que a outro tipo de questões o

que, de certa forma, pode apoiar o facto da existência de uma resposta as levar a responder, seja por ser um mecanismo de resposta que exige que estas reflitam, seja pelo uso frequente destas no seu quotidiano.

O uso destas questões condiciona ainda a informação fornecida pela criança uma vez que, ao contrário das questões abertas, não é transmitida mais informação para além da que é providenciada na questão (Lamb *et al.*, 2007b).

Assim podemos constatar que nos casos de abuso, a entrevista pode ficar condicionada pelo que o entrevistador já conhece da situação, levando a relatos de outras situações de abuso ou detalhes do ato sejam ocultados (*idem*).

Lamb e colaboradores (2007b) mas também Fivush, Peterson e Schwarzmüller (2002) salientam que as crianças com idades entre os três e os seis anos de idade, ao contrário do que era apresentado por alguma literatura, tem dificuldade em responder a questões dicotómicas e em adaptar-se a questões repetidas, demonstrando-se ambivalentes e apresentado melhores resultados nas respostas a questões abertas.

5.5. Sugestivas

As *questões sugestivas* são questões em que as crenças e resposta esperada do entrevistador são apresentadas e nas quais se assumem detalhes não revelados pela criança (Lamb *et al.*, 1996).

Na sua investigação Bruck, Ceci & Hembrooke (2002) enfatizam que, de facto, as questões sugestivas podem alterar o testemunho da criança mas que esta alteração do relato pode ser simplesmente afetada por uma condução tendenciosa e/ou pela postura do entrevistador. De facto parece que a procura da confirmação do abuso pelo entrevistador o leva a recorrer a inúmeras técnicas sugestivas como o uso de ameaças (Ceci & Friedman, 2000) e à prevalência de questões confirmatórias e diretas, negligenciando questões abertas e descentrando-se de sinais de negação de abuso (Bruck & Ceci, 1999; Bruck, Ceci & Hembrooke, 2002).

Outra questão que se apresenta relacionada com as questões sugestivas são o recurso a bonecas anatomicamente perfeitas ou outros elementos que remetam para a fantasia durante a entrevista. Sobre isto, Peixoto, Ribeiro e Lamb (2011) e Magalhães e Ribeiro (2007) refletem a necessidade de abandonar o imaginário e orientar a criança para a tarefa de falar de um acontecimento real que faz parte da sua vivência. Para reforçar esta concentração no tema principal da entrevista devem ainda ser abolidas questões ou afirmações que remetam para episódios da imaginação como “*imagina que...*” e “*vamos fazer de conta...*” (Magalhães & Ribeiro, 2007, pág. 443).

Capítulo II – Metodologia

Neste capítulo apresenta-se o plano de procedimentos utilizados para o alcance do objetivo principal do estudo: compreender quais as influências que o nível de desenvolvimento das crianças têm no decorrer de uma entrevista forense.

Num primeiro momento, procuramos apresentar a amostra e os seus critérios seguindo-se do procedimento adotado para recolha de dados, os instrumentos utilizados e a apresentação do método de tratamento dos mesmos.

O primeiro passo para a criação do plano metodológico do estudo caracterizou-se pela investigação dos métodos utilizados nos estudos realizados com o protocolo do NICHD de forma a criar uma metodologia coesa e que possibilitasse a comparação de resultados e facilitasse a sua replicação.

1. Amostra

A amostra deste estudo foi constituída por 24 crianças (12 rapazes e 12 raparigas) de um jardim de infância de uma Escola Básica do distrito do Porto. As crianças possuem 4 (N=7), 5 (N=10) e 6 anos (N=7), sendo exigido que já tivessem celebrado o seu aniversário durante o ano de 2012.

A escolha desta faixa etária prende-se com o facto de esta corresponderem às idades cujos autores do protocolo NICHD, após investigações prévias (Lamb, Hershkowitz, Sternberg, Boate *et.al.*, 1996; Lamb, Sternberg & Esplin, 2000), definiram como uma população cuja aplicação do mesmo necessita de maior investigação (Lamb, Hershkowitz, Orbach & Esplin, 2010). Esta necessidade de exploração remete para factos anteriormente referidos que sublinham as condicionantes desenvolvimentais desta faixa etária, no que diz respeito à capacidade de se expressarem e de memorizarem entre outros fatores referidos no enquadramento teórico.

O nível de desenvolvimento das crianças foi cuidadosamente discutido com as educadoras de infância que, devido ao facto de as acompanharem diariamente, possuem condições para identificarem aquelas que apresentam um nível de desenvolvimento global adequado à sua idade cronológica.

De acordo com a ética profissional que é justificadamente exigida em investigações deste carácter, a recolha de dados para esta investigação iniciou-se com a solicitação do consentimento por parte da instituição e dos encarregados de

educação para a participação das crianças no estudo. Este foi realizado através de um documento escrito (em anexo) e uma vez verificada a sua assinatura pelos encarregados de educação, foram realizadas as entrevistas com as crianças. Estes encontros decorreram numa sala das instalações da escola, onde se encontrava apenas a entrevistadora e a criança.

2. Procedimentos

No primeiro contacto com a criança procurou-se estabelecer uma relação de confiança, sendo-lhe depois apresentado o filme através de um computador portátil. Após a visualização do mesmo, eram-lhe apresentadas as questões do protocolo do NICHHD que refletiam sobre o filme.

Sendo o objetivo deste estudo a análise da influência das questões do desenvolvimento na resposta aos diferentes tipos de questões na entrevista forense com crianças, e cada um destes momentos ser rico de particularidades, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, proporcionando uma análise minuciosa do conteúdo (Polit & Beck, 2004 cit. in Elo & Kynga, 2008). A análise das entrevistas apresentou-se ainda mais completa pelo facto de a entrevistadora ser paralelamente a investigadora, o que lhe permitiu refletir nas transcrições das entrevistas, através dos apontamentos realizados durante as mesmas, o comportamento não-verbal das crianças.

3. Instrumentos

Os instrumentos de recolha de dados utilizados neste estudo foi o protocolo NICHHD (em anexo), um filme escolhido pela investigadora e a equipa que se encontra a adaptar este instrumento ao contexto português e ainda uma grelha de codificação de dados previamente definida (Lamb *et al.*, 2008) usada já na fase de tratamento dos dados fornecidos pela entrevista.

3.1. Filme

Em primeiro lugar importa fazer uma breve síntese do filme: trata-se de um pequeno anúncio publicitário com cerca de 30 segundos e no qual se apresenta uma criança a comer chocolate na cozinha, às escondidas. Uma mulher pede-lhe ajuda

para apertar o seu vestido, sendo que a menina caba por o sujar nas costas com o chocolate que tinha nas mãos. Mesmo tendo reparado no sucedido, a criança sorri e despede-se da mulher, ocultando o sucedido.

3.2. Protocolo do NICHD – Guião de entrevista forense do NICHD

É sobre o filme anteriormente referido que incidem as questões da entrevista realizada através do Guião de entrevista forense do NICHD, ou seja a adaptação do protocolo do NICHD à população portuguesa, realizado por Alberto, Peixoto e Ribeiro (2010). Este encontra-se numa fase final de teste para a sua aferição ao contexto português através da sua implementação numa população não clínica, conseguida através de um método por conveniência através de contactos informais com algumas escolas.

A principal justificação para utilização deste guião foi a preocupação pela utilização de técnicas neutras durante a entrevista que possibilitassem a avaliação da influência dos fatores desenvolvimentais na entrevista forense, prevenindo a sua contaminação com elementos sugestivos.

Assim, a entrevistadora procurou focar-se no uso de questões abertas e na utilização das palavras das crianças. No entanto, durante a entrevista, surgiram algumas questões formuladas segundo outras tipologias pelo que estas necessitaram de ser igualmente analisadas e ponderadas, permitindo realizar uma comparações entre o tipo de questão e a resposta das crianças.

De forma a ser possível compreender a estrutura do protocolo do NICHD apresentamos uma breve descrição:

O guião inicia com uma pequena introdução em que ambos os intervenientes, entrevistador e entrevistado, têm espaço para se apresentarem e conversarem sobre assuntos neutros mas orientadores para a entrevista. Os objetivos desta fase são, para além da acentuação da necessidade de dizer a verdade através de exemplos ilustrativos, a criação de uma relação empática que servirá de ponte para abordar as questões do abuso (Orbach *et al.*, 2000).

Este momento inicial permite ainda avaliar o seu nível de desenvolvimento, compreendendo qual será o seguimento que o entrevistador necessita de dar á entrevista (Pearce & Pessot-Pearce, 2007; Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011).

A segunda fase da entrevista, denominada fase substantiva, refere-se à introdução da temática em investigação, questionando a criança se sabe a razão pela qual esta a realizar aquela entrevista. Importar enfatizar que se irá abordar de assuntos positivos e negativos, sendo necessário contar tudo o que se lembrar dessas situações. O entrevistador é orientado para dar prevalência às questões abertas e desprovidas de crenças e valores pessoais (Lamb, Hershkowitz, Orbach, & Esplin, 2010).

Neste estudo foi utilizada apenas a parte substantiva do protocolo do NICHD uma vez que o nosso objetivo principal se prende com a avaliação da influência do desenvolvimento na resposta aos tipos de questão, estando excluídas as questões que se prendem com a credibilidade do testemunho da crianças e outras questões jurídico-penais.

De facto no nosso estudo não realizamos uma fase introdutória tão demarcada, sendo que a entrevistadora iniciou a entrevista apresentando-se, referindo o seu nome e qual o objetivo do seu encontro com a criança.

Relativamente à avaliação do desenvolvimento global da criança, esta tratou-se de um critério de seleção da amostra, facto referido no subcapítulo que a descreve.

3.3. Grelha de codificação

Os dados resultantes da recolha e transcrição das entrevistas realizadas às crianças foram analisados e categorizados segundo uma grelha previamente definida pelos criadores do protocolo. Esta foi o resultado de uma investigação, já aqui referida, que permitiu catalogar os tipos de questões que podiam ser usadas durante uma entrevista com uma criança (Lamb *et al*, 1996).

A grelha de codificação tem o objetivo de selecionar apenas informação referente à fase substantiva da entrevista, levando a que a informação sobre tópicos neutros não seja codificada (*idem*).

A codificação do tipo de questões do entrevistador estabelecida por estes autores é constituída por dez códigos que, segundo os autores, se apresentam como suficientes para codificar toda a fase substantiva da entrevista (Lamb *et al*, 2010).

Quadro 1 – Grelha de análise das tipologias das questões do entrevistador

Tipologia das questões do entrevistador (Lamb <i>et al</i>, 1996)	
Comentários introdutórios	Apesar da informação desta fase não ser cotada, é distinguida visto poder conter informação relevante para a fase substantiva (ex.:“vais ver um filme e depois vamos falar sobre ele”);
Questões não-substantivas	Questões que não estão relacionadas com o tópico da entrevista como “está muito barulho lá fora?”;
Âncoras	Frases que introduzem uma referência externa (como por exemplo um aniversário ou evento) que auxiliam na especificação espacial ou temporal de acontecimentos.
Facilitadores	Palavras, sons ou parafraaseamentos utilizados para incentivar o discurso da criança (ex: “hum, hum”);
Referências emocionais positivas	Referências a estados emocionais positivos atuais. Excluem-se estados emocionais do momento que está a ser relatado;
Referências emocionais negativas	Referências a estados emocionais negativos durante a entrevista. Excluem-se também estados emocionais do momento que está a ser relatado;
Questões abertas	Questões ou frases que incentivam respostas abertas da criança (ex.:“conta-me mais sobre isso”, “e depois o que aconteceu?”);
Questões diretas	Questões que focam a atenção da criança em detalhes e aspetos concretos do evento em investigação cuja criança ainda não mencionou. Exemplo são as questões iniciadas por “quando, onde e quem”;
Questões orientadas	Questões que cuja formulação transmite, sob a forma de escolha múltipla, as respostas possíveis. Procuram detalhes ou aspetos que a criança não mencionou. Exemplos disso são questões com resposta dicotómicas <i>sim/não</i> ;
Questões sugestivas	Questões em que as crenças e respostas esperadas pelo entrevistador são apresentadas na sua formulação, podendo assumir detalhes não revelados pela criança.

É proposto que perante a indecisão quanto à escolha de um código, o investigador escolha o código que seguinte da lista, propondo que os investigadores criem uma numeração para cada grelha e segundo a ordem aqui apresentada. Por outras palavras, perante a dúvida entre a codificação de uma *questão aberta* ou *sugestiva*, o investigador deve optar por codificá-la como sugestiva. A mesma logica deve ser usada com as declarações das crianças a seguir descrita (Lamb *et al*, 1996, Lamb *et al.*, 2008).

A grelha de análise definida por Lamb e colaboradores (1996) apresenta-nos ainda a possibilidade de analisar as respostas fornecidas pela criança durante a parte substantiva da entrevista, ou seja, permite-nos classificar as diferentes declarações das crianças. No mesmo sentido da análise do tipo de questões, o uso desta categorização permite-nos a conformidade metodológica com os estudos já realizados com a utilização do protocolo do NICHD.

Quadro 2 – Grelha de análise das declarações das crianças

Declarações das crianças (Lamb <i>et al</i>, 1996)	
<i>Declarações responsivas</i>	Declarações relativas a tópicos específicos, ou seja, aspetos ou detalhes do tema abordado, apresentadas pelo entrevistador na questão anterior.
<i>Declarações não-responsivas</i>	Declarações que não respondem diretamente ao sugerido pelo entrevistador mas que estão relacionadas com o tópico geral da entrevista;
<i>Declarações divergentes</i>	Declarações que não estão relacionadas com o tema sugerido ou com o tópico geral da entrevista;
<i>Declaração em que existe um pedido de esclarecimento</i>	
<i>Declarações pouco claras</i>	
<i>Não resposta</i>	

As declarações das crianças durante a entrevista foram ainda alvo de uma quantificação das palavras segundo a técnica sugerida por Yiulle e Cutshall (1986), métodos também utilizado por Lamb e colaboradores (1996). Estas palavras

apresentam-se como detalhes sobre os acontecimentos que a criança relata e dizem respeito à identificação e descrição de pessoas e objetos, bem como de ações, eventos ou ações. A técnica apresentada sugere que sejam quantificadas palavras que facilitem a compreensão do acontecimento que é relatado [(Lamb *et al*, 1996) cit in. Lamb *et al.*, 2008].

4. Tratamento de dados

Neste estudo procuramos criar uma complementaridade entre os métodos qualitativos e quantitativos procurando que, através da sua utilização mutua, surgisse um amplo conjunto de informação que reflita os vários fatores possíveis de analisar no presente estudo (Shaffer e Serlin, 2004).

Procurou-se que o método quantitativo fornecesse relações entre ordens e grandezas e o método qualitativo possibilitasse a construção de um quadro de interpretações de fatores que não são possíveis de quantificar (*idem*).

De seguida é justificada, individualmente, a opção por cada uma das metodologias, apresentando o procedimento adotado para o tratamento de dados de cada uma das análises.

4.1. Análise quantitativa

Como já referido, um dos pontos de convergência da metodologia deste estudo com outros que utilizam o protocolo do NICHD é o uso da grelha de análise de entrevistas proposto por Lamb e colaboradores (1996). Esta permite-nos realizar a codificação das entrevistas para a posterior análise estatísticas através do programa informático *IBM SPSS Statistics 20*.

A partir da base de dados criada realizamos uma estatística descritiva, ou seja, um estudo sobre as características singulares das unidades que o formaram, permitindo compreender a sua distribuição (Martins, 2001). A estatística descritiva apresenta uma visão global da variação desses valores, organizando e descrevendo os dados através de medidas de tendência central - como a média e a moda - e medidas de dispersão - como é o exemplo do desvio padrão (Reis, 1998; Pestana & Gageiro, 2003).

A estatística inferencial procura, a partir da análise da amostra, tirar conclusões sobre a população, ou seja, realizada um processo indutivo no qual se deduzem os parâmetros do geral a partir do particular (Barrocos, 2006).

O procedimento estatístico que realiza esta indução é o teste de hipóteses, o qual afere se os dados da amostra representam a população ou os parâmetros populacionais pré-definidos (idem). As inferências são expostas sob a forma de probabilidade que é apresentada segundo um determinado intervalo de confiança e calcula-se através de testes paramétricos e não paramétricos (Pestana & Gageiro, 2003).

4.2. Análise qualitativa

Em paralelo com o estudo estatístico efetuou-se uma análise qualitativa das entrevistas através da análise de conteúdo. Esta metodologia torna possível compreender e interpretar os dados fornecidos, enriquecendo a quantificação e descrição que a análise quantitativa nos forneceu (Almeida & Freire, 2007).

A análise de conteúdo trata-se de um método de análise da comunicação escrita, verbal e visual [(Cole, 1988) cit in. Elo & Kyngas, 2008] que permite organizar os dados e descrevê-los objetiva e sistematicamente [(Berelson, 1952) cit in. Amado, 2000].

No nosso estudo iremos recorrer, preferencialmente, à análise qualitativa dos dados, visto procura-se uma observação intensiva que explore o detalhe e a complexidade da informação, analisando a presença ou ausência de características do discurso. No entanto, a análise de conteúdo também possibilita o estudo quantitativo dos dados através da observação da frequência de características do discurso (Bardin, 1977).

Como foi exposto, este método possui uma lógica exploratória que dá espaço a uma análise contínua dos dados, admitindo uma associação ao processo indutivo. De facto, parte do estudo do particular no sentido de formular um ponto de partida para o desenvolvimento de conhecimento ao longo do processo de análise dos dados (Amado, 2000).

A informação é agregada através de categorias que incluem *unidades de registo* ou *unidades de significado* que podem ser palavras, frases, temas ou mesmo a totalidade dos documentos. É exigido que as categorias criadas sejam pertinentes, objetivas e produtivas para alcançar os seus objetivos do estudo. Devem ainda ser exaustivas, garantindo o critério de exclusividade e homogeneidade da unidade de registo [(Ghiglione & Matalon, 1992) cit in Amado, 2000].

Quanto às suas fases de realização da análise de conteúdo, Bardin (1977) sugeriu a existência de três momentos diferenciados: a *pré-análise* – que representa um momento de agregação inicial dos dados, conduzida pelas primeiras noções de categorização; a *exploração do material* – onde existe uma categorização mais ponderada e que surge de uma análise sistemática dos dados; o *tratamento dos resultados, inferência e interpretação* – fase final em que existe uma análise e interpretação dos dados (Bardin, 1977).

Mesmo sendo apresentada como um dos métodos de análise de documentos privilegiados pela comunidade científica, a análise de conteúdo é criticada pela baixa estandardização, alta complexidade e subjetividade. No entanto, a definição concreta dos objetivos tem-se demonstrando pertinente na escolha dos dados mais significativos para a investigação, desvanecendo as fragilidades referidas e enaltecendo a possibilidade de analisar grandes quantidades de informação (Almeida & Freire, 2007; Elo & Kyngas, 2008).

Apoiando-nos nas naturezas de estudo propostas pelo método de análise de conteúdo (Amado, 200), recorreremos, no presente estudo, a um sistema de categorização através da diferenciação, visto que nos interessa compreender de que forma determinada característica do desenvolvimento influencia a resposta às questões colocadas pelo entrevistador.

Ao longo da apresentação de resultados expomos exemplos de unidades de registo e desenvolvemos pequenos excertos que apresentam as dimensões que cada categoria abarca.

Capítulo III – Apresentação e discussão de resultados

Neste capítulo expõem-se os resultados obtidos nas duas análises realizadas (quantitativa e qualitativa), efetuando-se uma breve conclusão ao longo da sua apresentação.

No capítulo seguinte todos os dados aqui apresentados serão alvo de reflexão mais aprofundada de forma a integrar a informação obtida por este estudo, na literatura já existente sobre a área.

1. Análise Quantitativa

A estatística é um instrumento matemático necessário para organizar, apresentar e interpretar os dados recolhidos (Pestana & Gageiro, 2003). Apresentamos como programa informático de maior importância nas investigações das ciências sociais o IBM SPSS Statistics (Martins, 2011), o qual se encontra já na versão 20.0.

O tratamento estatístico da base de dados necessita de se adequar à investigação, tendo-se de identificar as variáveis a estudar, ou seja, conhecer as características que resultaram através da medição, controlo ou manipulação e que variam para cada elemento da amostra (Pestana & Gageiro, 2003; Martins, 2011).

Neste estudo iremos apresentar dois tipos de variáveis: as independentes e as dependentes. As variáveis independentes são, na sua maioria, características fixas cuja manipulação leva a resultados diferentes, ou seja, têm impacto sobre as variáveis dependentes. Pela ordem inversa, as variáveis dependentes são as características da amostra que são afetadas pela manipulação da variável independente (Almeida & Freire, 2007; Martins, 2011). Desta forma, apresentamos as variáveis género e idade cronológica como variáveis independentes, isto é, as características cuja manipulação/ alteração pode alterar as variáveis tipos de questões utilizadas pelo entrevistador, quantidade e tipos de declarações das crianças, quantidade de detalhes que a criança fornece e ainda a quantidade de factos imaginados que nos são apresentados pela criança durante a entrevista.

1.1. Estatística descritiva

Com vista a realizar uma apresentação global e resumida da amostra realizamos uma estatística descritiva, adaptando as medidas de tendência central e de

dispersão a cada uma das variáveis. Assim, definimos como medida de tendência central, para a variável qualitativa género, a frequência e como medida de dispersão, o intervalo de confiança (Martins, 2011; Pestana & Gageiro, 2003). Já para as restantes variáveis, visto apresentarem-se como variáveis quantitativas, definimos a média como forma de organizar o aglomerado de informação da amostra e ainda a amplitude e o desvio-padrão como medidas de dispersão.

A escolha foi realizada segundo a pertinência das medidas no estudo, permitindo não só descrever a amostra como integrá-la na investigação.

Género

Relativamente à variável independente género, importa referir que a análise da sua frequência revela que a amostra é constituída por 12 crianças do género masculino e 12 do género feminino, para um intervalo de confiança de 95%. Assim, o resultando evidencia que a amostra apresenta uma distribuição equitativa relativamente a esta variável.

Idade

A idade das crianças da amostra varia entre 4 e 6 anos de idade, apresentando uma média de 5 anos e uma desvio-padrão de 0.780.

Declarações da criança

Durante as entrevistas as crianças usaram, em média, 10.08 declarações (DP=3.77), sendo o número máximo 18 e o mínimo 3, como é possível verificar na tabela 1 (em anexo).

Já quanto ao tipo de declarações das crianças, ao observarmos a tabela 2 (em anexo) constatamos que estas apresentaram as *Declarações Responsivas* como a resposta mais comum às questões do entrevistador, com uma média de 7.17 (DP= 3.02), um mínimo de 0 e o máximo de 14 utilizações.

Seguem-se as *Não respostas* e as *Declarações Não-responsivas* como as respostas que apresentaram maior média, exibindo, no entanto, valores muito distintos das *Declarações Responsivas*. A *Não Resposta* apresenta uma média de 1.75 (DP= 1.85) e um máximo de 6 e mínimo de 0; já as *Declarações Não-responsivas* expõem uma média de 0.67 (DP= 1.05), com um número máximo de 4 e mínimo de 0 declarações deste tipo por entrevista.

Os restantes tipos de declarações da criança apresentaram valores relativamente baixos, registando-se para as *Declarações Divergentes* uma média de 0.21 respostas (DP=0.72) com o máximo de 3 e mínimo de 0 e as *Declarações pouco claras* com uma média de 0.21 (DP=0.51) como um máximo de 2 e mínimo de 0.

Por último, apresentam-se as *Declarações em que existe um pedido de esclarecimento*, cuja expressividade registada foi muito baixa, registando uma média de 0.08 (DP=0.41) tendo como valor máximo de registo 2 e mínimo 0.

Detalhes

Definindo o cálculo dos detalhes que a criança apresentou através do número de palavras que descrevem ações, personagens, objetos ou locais relacionados com o filme, apresentamos, através da tabela 3 (em anexo) que, em média, as crianças proferiram 81.01 (DP=8.87) palavras, atingindo um máximo de 160 e o mínimo de 14 palavras.

Detalhes por tipo de questão

A tabela 4 (em anexo) demonstra-nos que as *Questões abertas* foram o tipo de questão que obteve mais detalhes como resposta, apresentando uma média de 80.58 (DP=39.00), seguidas das *Questões Diretas* com uma média de 2.63 detalhes (DP=5.24). Dos restantes tipos de questões apenas os *Facilitadores*, com uma média de 1.21 (DP=2.80), e as *Questões orientadas*, com média de 0.04 (DP=0.21), demonstraram obter detalhes a através do discurso da criança.

Tipo de questões

Através da análise realizada sobre o tipo de questões que o entrevistador utilizou em todo este estudo, pode-se observar através da tabela 5 (em anexo) uma tendência de utilização das *Questões Abertas* com uma média de 8,75 (DP =3.00), variando entre os 3 e 17 questões por entrevista.

As restantes tipologias de questões apresentadas ao longo da entrevista exibem valores muito baixos, chegando mesmo a não se registar ocorrência de *Questões não-substantivas*, *Âncoras*, *Referências emocionais positivas* e *Referências emocionais negativas*.

Os *Comentários Introdutórios* registaram uma média de 1 (DP=0.00) com um máximo e mínimo de 1 utilização, seguindo-se os *Facilitadores* com média de 0.21 (DP= 0.41) com máximo de 1 e mínimo de 0, as *Questões diretas* com média de 0, 54 (DP=0.78) com máximo de 2 e mínimo de 0, as *Questões orientadas* com média de

0.08 (DP= 0.28) com máximo de 1 e mínimo de 0 e as *Questões sugestivas* com média de 0.13 (DP= 0.34) com máximo de 1 e mínimo de 0 registos.

Imaginação de novos factos

Durante as entrevistas foi possível compreender que as crianças relatavam informação adicional referente às personagens - atribuindo-lhes nomes, ações e papéis -, bem como aos cenários do filme - acrescentando-lhes pormenores e atributos. Esta questão levou-nos à necessidade de enfatizar este parâmetro, indicando-o como uma variável dependente que merece a nossa atenção e análise.

Desta forma, contabilizaram-se palavras (ex: “mãe”, “Rita”), frases (ex: “foi ao médico”) ou segmentos (ex: “o quarto era cor-de-rosa”) que se apresentavam como referências a factos imaginados pela criança, cotando-se apenas primeira vez que eram relatadas.

No que diz respeito à estatística descritiva desta variável afirmamos que, em média, cada criança apresentou 2.96 (DP=2.23) novos factos, sendo o seu valor máximo 8 e mínimo 0. Tal informação pode ser confirmada na tabela 6 (em anexo).

1.2. Estatística Inferencial

Com o uso da estatística inferencial comparam-se as variáveis dependentes - tipo de questões realizadas pelo entrevistador, o número e tipo de declarações das crianças, a quantidade de detalhes facultados por esta e a quantidade de dados imaginados - relativamente à idade das crianças (4, 5 ou 6 anos de idade) e ao género (feminino ou masculino).

Os testes utilizados neste estudo foram *testes não paramétricos* ou *testes de distribuição livre*, visto a amostra recolhida não apresenta os parâmetros necessários para a aplicação de testes paramétricos, ou seja, apresentar um número reduzido de elementos (N=24) não sendo possível garantir a sua distribuição normal ou homogeneidade de variâncias (Pestana & Gageiro, 2003; Martins, 2011).

Os testes não paramétricos seleccionados foram o *teste Mann-Whitney* – usado para testar se as duas condições da variável género (feminino e masculino) possuem a mesma influência nas variáveis dependentes - e o teste *Kruskal-Wallis* - usado para testar se as condições da variável idade (4, 5 ou 6 anos) reúnem o mesmo formato de resultado para cada variável dependente (Guimarães & Cabral, 2007; Pestana & Gageiro, 2003).

Para avaliar a relação entre as variáveis foram estipulados pares de hipóteses, segundo o *teste de hipóteses*, onde existia uma hipótese nula (H_0) e uma hipótese alternativa (H_1) para cada uma das questões de investigação. Quando se reuniram condições que permitissem aceitar a hipótese nula (H_0), presumia-se a não existência de relação entre as variáveis, no caso de se aceitar a hipótese alternativa (H_1), por contradição, afirmava-se a existência de relação entre as variáveis testadas.

Segue-se a apresentação e análise dos resultados obtidos distribuídos segundo a as variáveis independentes, género e idade.

Género

Na revisão bibliográfica que realizamos, alguns autores uma tendência para os entrevistadores usarem mais questões abertas e menos questões diretas com crianças do sexo feminino.

Já quanto à quantidade de dados relevantes para a investigação, são também as crianças do sexo feminino que tendem a dar mais informação (Lamb *et al.*, 2008).

De seguida realizamos uma análise estatística de maneira a compreender se tais factos se comprovam no nosso estudo:

Quantidade e tipo de declarações da criança

No que se refere ao número de declarações estipulamos como hipótese nula (H_0) que “a quantidade de declarações da criança ao longo da entrevista não é influenciada pelo género da criança” e como hipótese alternativa (H_1) que “a quantidade de declarações da criança ao longo da entrevista não é influenciada pelo género da criança”. Ao examinamos a tabela 7 (em anexo) podemos concluir que a hipótese nula (H_0) ($p > .05$) é aceite, visto $U=70.00$, $p=.907$. Assim, conclui-se que o número de declarações proferidas pela criança durante a entrevistas não é influenciado pelo seu género.

Já relativamente à influência desta característica no tipo de declarações formulamos o seguinte par de hipóteses: a hipótese nula (H_0) de que “não existe relação entre o género e a tipologia de declarações mais usadas pelas crianças” e a hipótese alternativa (H_1) de que “existe uma relação entre o género e a tipologia de declarações mais usadas pelas crianças”.

Segundo os dados da tabela 8 (em anexo) observa-se que apenas a *Não Resposta* propõe a existência desta relação ($U=35.50$, $p=.029$), aceitando-se assim a

hipótese alternativa ($H1$) ($p < .05$). Desta forma conclui-se que, no nosso estudo, apenas o recurso a declarações denominadas como *Não Resposta* teve influência do género da criança.

Quanto às restantes tipologias de declarações das crianças, os dados da tabela XXX (em anexo) levam-nos a aceitar a hipótese nula ($H0$) ($p > .05$) - *Declarações responsivas* ($U = 46.00$, $p = .129$), *Declarações não-responsivas* ($U = 69.50$, $p = .870$), *Declarações divergentes* ($U = 71.50$, $p = .952$), *Declarações em que existe o pedido de esclarecimento* ($U = 66.00$, $p = .317$) e *Declarações pouco claras* ($U = 71.00$, $p = .929$) – confirmando-se que não existe relação entre o género e estes tipos de declarações proferidas pelas crianças ao longo da entrevista.

Quantidade de detalhes

Em conformidade com a definição de *detalhes* anteriormente referida, realizamos um teste às hipóteses nula ($H0$) onde se pressupôs que “o género da criança não influencia o número de detalhes dados pela criança” e a hipótese alternativa ($H1$) que refere que “o género da criança influencia o número de detalhes dados pela criança”.

Os dados atribuídos na tabela 9 (em anexo) levaram-nos a aceitar a hipótese nula ($H=0$) ($p > .05$), $U=61.00$, $p=.525$, afirmando-se, por isso, que o género da criança não influencia a quantidade de detalhes que a criança disponibiliza ao longo da entrevista.

Tipo de questões do entrevistador

Ponderando a influência do género na utilização de certas tipologias de questões pelos entrevistadores, procurou-se testar a hipótese nula ($H0$) de que “o recurso aos diferentes tipos de questões pelo entrevistador não é influenciado pelo género da criança” e a hipótese alternativa ($H1$) de que “o recurso aos diferentes tipos de questões pelo entrevistador é influenciado pelo género da criança”. Na tabela 10 (em anexo) observam-se as condições para a aceitação da hipótese nula ($H0$) ($p > .05$), para todos os tipos de questões (*Comentários introdutórios*: $U = 72.00$, $p = 1.00$; *Questões não-substantivas*: $U = 72.00$, $p = 1$; *Âncoras*: $U = 72.00$, $p = 1.00$; *Facilitadores*: $U = 66.00$, $p = .623$; *Referências emocionais positivas*: $U = 72.00$, $p = 1.00$; *Referências emocionais negativas*: $U = 72.00$, $p = 1.00$; *Questões abertas*: $U = 66.50$, $p = .748$; *Questões diretas*: $U = 62.50$, $p = .525$; *Questões orientadas*: $U = 72.00$, $p = 1.00$ e *Questões sugestivas*: $U = 66.00$, $p = .546$).

Conclui-se assim que na amostra apresentada não existe relação entre a aplicação de determinados tipos de questão e o género da criança.

Imaginação de novos factos

Relativamente às informações que a criança adicionou durante os seus relatos do filme, procuramos compreender em que medida é que estas são influenciadas pelo género da criança. Nesse sentido propuseram-se como a hipótese nula (H_0) que “a quantidade de novos factos adicionados pela criança não é influenciada pelo género da criança” e como hipótese alternativa (H_1) que “a quantidade de novos factos adicionados pela criança é influenciada pelo género da criança. Os resultados apresentados na tabela 11 (em anexo) propõem a aceitação da hipótese nula (H_0) ($p > .05$) visto $U=59.00$ e $p=.442$.

Admitindo-se que para a quantidade de factos imaginados pela criança não varia, de forma significativa, com a idade da criança.

Em conclusão, admite-se que, no nosso estudo, o género não teve qualquer influência sobre as variáveis dependentes, contradizendo o que foi afirmado por Lamb e colaboradores (2008).

Idade

No mesmo estudo de Lamb e colaboradores (2008), referiu-se que para além do género, a idade influencia a quantidade de informação que a criança fornece, estabelecendo que crianças mais novas tendem a fornecer menos detalhes e declarações.

Quantidade e tipo de declarações da criança

No que toca à influência da idade na quantidade de declarações emitidas pela criança durante a entrevista, realizou-se a exploração dos dados através do seguinte par de hipóteses: a hipótese nula (H_0) afirma que “a quantidade de declarações da criança foi a mesma para todas as idades” e a hipótese alternativa que afirma “a quantidade de declarações da criança durante a entrevista é diferente, em pelo menos uma das idades”. A tabela 12 demonstra-nos que $U=4.24$, $p=.120$, aceitando-se assim a hipótese nula (H_0) ($p > .05$), o que nos confirma que a quantidade de declarações da criança não dependeu da sua idade.

No que diz respeito ao tipo de declarações que estas utilizam durante a entrevista, a comparação com sua idade cronológica foi testada com base na hipótese nula (H_0) de que “o tipo de declarações proferidas pelas crianças durante a entrevista é igual em todas a idade” e a hipótese alternativa (H_1) de que “o tipo de declarações proferidas pelas crianças durante a entrevista é diferente em pelo menos uma das idades”.

Segundo as tabelas 13 (em anexo), aceita-se a hipótese nula (H_0) ($p > .05$) para as *Declarações divergentes* ($X^2 = 0.92$, $p = .633$), *Declarações em que existe o pedido de esclarecimento* ($X^2 = 2.43$, $p = .297$), *Declarações pouco claras* ($X^2 = 0.90$, $p = .639$) e ainda para a *Não resposta* ($X^2 = 1.10$, $p = .577$). Estes resultados permitem-nos constatar que o uso destes tipos de declarações não foram influenciadas pela idade das crianças.

Em contraposição, ao observarmos a mesma tabela constatamos que para as *Declarações responsivas* ($X^2 = 6.84$, $p = .033$) e as *Declarações não-responsivas* ($X^2 = 6.43$, $p = .040$) aceitamos a hipótese alternativas (H_1) ($p < .05$), o que afirma que o uso destas declarações foi influenciado por pelo menos uma das idades das crianças da amostra.

Os resultados desta análise estão espelhados na tabela 13 (em anexo) e demonstram que, para ambas as declarações, a ordem média das crianças com 4 anos ($MR = 6.14$) se apresenta muito abaixo das de 5 e 6 anos ($MR = 15.75$ e $MR = 14.21$, respetivamente).

Para integrar estes resultados, realizou-se uma análise descritiva onde confirmamos a diferença de valores destas variáveis para as crianças com 4 anos. Assim, demonstram menos utilização de Declarações responsivas (média de 4.75 e desvio-padrão de 0.94) relativamente às crianças com 5 e 6 anos, cuja média apresentada foi de 8.50 ($DP = 0.09$) e de 7.71 ($DP = 0.87$), respetivamente.

No que se refere às Declaração não-responsivas, não se registou qualquer utilização destas pelas crianças com 4 anos, sendo que as crianças com 5 anos apresentaram valores média de 1.10 ($DP = 0.04$) e com 6 anos de 7.71 ($DP = 0.29$).

Quantidade de detalhes

No que concerne à influência da idade quanto aos detalhes fornecidos pela criança durante a entrevista, através da tabela 14 (em anexo), podemos concluir que a testagem das hipótese nula (H_0) “a distribuição do número de detalhes fornecido pelas crianças é igual para todas as idades” e da hipótese alternativa (H_1) “a distribuição do numero de detalhes fornecidos pelas crianças é diferente para pelo menos uma das

idades”, nos leva a aceitar a hipótese alternativa (H_1) ($p < .05$) apresentado $X^2=8.19$, $p=.017$.

Concluimos através dos dados da mesma tabela que as crianças com 4 e 5 anos de idade, apresentam uma discrepância maior, uma vez que a ordem média das crianças de 4 anos é 6.14 e a da crianças com 5 ano, de 15.75.

Tipo de questões do entrevistador

Sendo a idade outro fator indicado como influenciador do desenrolar da entrevista forense, procuramos compreender a relação entre o tipo de questões do entrevistador e a idade da criança. De forma a realizar esta análise estipulou-se como hipótese nula (H_0) que “os tipos de questões colocadas pelo entrevistador são iguais para as três idades” e como hipótese alternativa (H_1) que “os tipos de questões colocadas pelo entrevistador diferem com, pelo menos, uma das idades”.

Através da tabela 15 (em anexo) constata-se que existem condições para aceitar a hipótese nula (H_0) ($p > .05$) para todas as variáveis, uma vez que se obteve os seguintes resultados: Comentários introdutórios: $X^2 = 0.00$, $p = 1.00$; Questões não-substantivas: $X^2 = 0.00$, $p = 1.00$; Âncoras: $X^2 = 0.00$, $p = 1.00$; Facilitadores: $X^2 = 4.07$, $p = .130$; Referências emocionais positivas $X^2 = 0.00$, $p = 1.00$; Referências emocionais negativas: $X^2 = 0.00$, $p = 1.00$; Questões abertas: $X^2 = 3.18$, $p = .204$; Questões diretas: $X^2 = 2.62$, $p = .270$; Questões orientadas: $X^2 = 5.08$, $p = .079$ e Questões sugestivas $X^2 = 4.60$, $p = .100$. Desta forma conclui-se que, no presente estudo, a idade das crianças não influenciou a tipologia de questões apresentadas durante a entrevista.

Imaginação de novos factos

No que se referem à procura de relação entre as diferentes idades e a imaginação de novos factos, analisamos os dados de forma a compreender se era possível aceitar a hipótese nula (H_0) de que “o número de novos factos imaginados pela criança é igual para todas as idades ” e a hipótese alternativa (H_1) de que “o número de novos factos imaginados pela criança difere pelo menos para uma das idades”. Através da tabela 16 (em anexo) podemos contemplar que $X^2 = 3.67$, $p = .159$, o que nos leva a aceitar a hipótese nula (H_0) ($p > .05$), concluindo-se que a média de novos factos relatados pela criança é igual para todas as idades.

Desta análise conclui-se que a idade se apresenta como um fator influenciador no que se refere ao número de *Declarações Responsivas* e *Declarações Não-responsivas*, bem como a quantidade de detalhes fornecidos. Esta diferença salienta-

se sempre no grupo de crianças com 4 anos, o que pode corroborar com o que é defendido por Lamb e colaboradores (2008).

2. Análise Qualitativa

Com o apoio da análise do conteúdo procurou-se aprofundar o conhecimento das influências das questões desenvolvimentais da criança nas respostas dadas às questões do entrevistador, percebendo sobretudo questões que remetem para o conteúdo da informação e para as dinâmicas da interação entrevistador-criança durante as entrevistas. Assim apresentamos esta análise dos dados como um complemento ao alcance do objetivo deste estudo.

O material aqui analisado foram as transcrições das entrevistas realizadas às crianças e as anotações que o entrevistador realizou no decorrer das mesmas e onde refletia o seu comportamento não-verbal. Uma vez que as gravações foram feitas em formato áudio, os comportamentos não-verbais do entrevistador não foram contemplados.

Nesta análise procurou-se realizar uma comparação entre crianças mais jovens e crianças mais velhas, bem como uma referência ao impacto da variável género sempre que tal se demonstrava pertinente.

Desta forma, o processo de categorização e sub-categorização das unidades de registo (que neste caso se referem a pequenos excertos de texto) foi definido através de uma operação de classificação de elementos de um aglomerado através de diferenciação por temáticas (comportamento das crianças ao longo da entrevista, linguagem, memória e desenvolvimento moral) e por idades (4, 5 ou 6 anos de idade).

As categorias apresentadas foram primeiramente orientadas pelos objetivos da investigação e pela revisão teórica relativamente às implicações das características do desenvolvimento das crianças, contudo, não se pode ignorar a importância que o uso de parâmetros de interpretação do investigador que surgiam da análise sistemática das entrevistas realizadas.

Para cada categoria definida apresentamos a sua fundamentação, exemplos de unidades de registo e os resultados.

Comportamento das crianças ao longo da entrevista

A análise desta categoria prende-se com a necessidade de avaliar condicionalismos do desenrolar da entrevista associados a questões de ansiedade e falta de concentração da criança.

A maioria das crianças apresentou sinais de ansiedade que não se revelaram condicionantes, no entanto, uma das crianças de quatro anos do sexo masculino, demonstrou um nível ansiogénico que a levou a recusar-se a continuar a execução da entrevista depois de visualizar o filme.

No que se refere à concentração durante a entrevista, o nosso estudo aponta que as crianças tenderam a apresentar-se menos concentradas numa fase em que se exploravam detalhes do filme visionado.

Tal como Gudjonsson e colaboradores (2010) avaliaram no seu estudo, as crianças mais novas, com 4 e 5 anos, apresentaram maior índice de distração, condicionando o desenrolar da entrevista. Já quanto ao género, no nosso estudo, as crianças do sexo feminino apresentaram mais situações de perda de concentração no tema da entrevista.

L. (5 anos, género feminino)

Entrevistador: Disseste que a menina esta a comer um chocolate, sim? Conta-me mais sobre isso.

Criança: (silêncio)

Entrevistador: O que te lembras de quando a menina estava a comer o chocolate?

Criança: (Silêncio)

Entrevistador: Onde é que ela estava?

Criança: Na cozinha...

Linguagem

A categoria linguagem da contemplou a capacidade da criança compreender o sentido o discurso do entrevistador, bem como a sua capacidade de desenvolver declarações detalhadas compreensíveis.

Interpretação do discurso do entrevistador

Assim como Saywitz e Camparo (1998) defendiam e devido ao facto de tal ser também enfatizado no protocolo do NICHD, o entrevistador tendeu a usar as palavras das crianças eliminando assim vocábulos que poderiam levar à incompreensão do seu discurso pelas crianças

De facto, a maioria das crianças demonstrou compreender o discurso do entrevistador, no entanto, numa situação isolada, uma das crianças apresentou dúvidas sobre o que lhe era questionado. Esta questão relembra o que foi mencionado por Jones (2003, cit. in Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011) relativamente à dificuldade das que as crianças mais novas têm em compreender algumas palavras do discurso do adulto, no entanto, esta criança tem 6 anos, idade que o autor identifica como sendo o início de uma melhor compreensão e interpretação.

B. (6 anos, género feminino)

Entrevistador: Fala-me sobre o vestido da mãe. Conta-me mais sobre isso.

Criança. Como é que era?

Entrevistador: Fala-me tudo sobre ele.

Criança: Se era curto?

Entrevistador: Conta-me o que te lembrares dele...

Criança: Ah! Era comprido e...

Construção de declarações lógicas

As crianças revelaram capacidade de construir frases lógicas e com significado, permitindo compreender o seu relato do filme em questão.

S. (4 anos, género feminino)

Entrevistador: Conta-me como começa e acaba o filme.

Criança: Pois... A menina estava a comer chocolate na cozinha e a mãe pediu-lhe pra... para apertar o vestido e ela sujou o vestido.

G. (6 anos, género masculino)

Entrevistador: (...) Gostava que me contasses tudo sobre o filme, desde o início até ao fim

Criança: A menina estava em cima do fogão a comer chocolate e depois a mãe chamou-a para ir apertar o fecho do vestido e depois a mãe virou-se para a menina e deu-lhe um beijinho e depois quando foi embora disse-lhe "xau".

De facto foi perceptível que as crianças mais novas tenderam a responder de forma mais curta, o que pode limitar a quantidade de informação disponibilizada mas não é condicionadora de um discurso coerente, perceptível e preciso. Factos estes que vão de encontro ao defendido por Snow e colaboradores (2009) mas que co

contradizem a as afirmações de Hershkowitz, Horowitz e Lamb (2005), uma vez que as crianças do sexo feminino não facultaram informação mais detalhada que crianças do sexo masculino.

Influência do tipo de questões

Na análise da adequação das respostas às questões propostas pelo entrevistador apresentamos, em primeiro lugar, as questões abertas, as quais foram usadas com mais frequência, de acordo com o que a teoria indica como adequado.

S. (4 anos, género feminino)

Entrevistador: Conta-me então tudo sobre o filme.

Criança: “A filha sujou o vestido da mãe...”

M. (5 anos, género masculino)

Entrevistador: Conta-me então tudo sobre o filme.

Criança: Uma menina esta a comer um chocolate no... na cozinha e depois a mãe disse... chamou-a para apertar e depois limpou a mão.

O uso destas questões demonstrou-se o que oferece mais condições para uma resposta mais detalhada pela criança.

Durante a entrevista o entrevistador foi utilizando alguns facilitadores que, apesar de raros, permitiram incentivar o discurso da criança.

D. (5 anos, género masculino)

Entrevistador: Conta-me então mais sobre ela.

Criança: Era alta...de cabelo preto.

Entrevistador: Sim...

Criança: E tinha sapatos.

Corroborando com os dados fornecidos pela análise quantitativa, as questões diretas, orientadas e sugestivas foram utilizadas com pouca frequência dando-se primazia às questões abertas. Contudo, observou-se uma clara tendência para as crianças fornecerem respostas curtas perante este tipo de questões:

L. (5 anos, género feminino)

Entrevistador: Onde é que ela estava a comer?

Criança: Na cozinha

M. (5 anos, género masculino)

Entrevistador: A mãe tinha um vestido, não era?

Criança: Sim.

T. (6 anos, género masculino)

Entrevistador: E sobre o vestido?

Criança: O vestido? Era branco e tinha um fecho.

Entrevistador: Era nas costas?

Criança: Sim.

No entanto, importa assinalar que uma das crianças apresentou uma frase mais ambígua, situação que não se repetiu no decorrer da sua entrevista.

L. (5 anos, género feminino)

Entrevistador: E conta-me então coisas sobre a menina.

Criança: Ahm... quando a mãe chamou-a, a mãe nem reparou que tinha chocolate na camisola e estava a dizer adeus à mãe e à filha, a rir.

Memória

Esta categoria contém informação refere-se à capacidade da criança recordar a sequência dos factos retratados no filme, as sua personagens, cenários e ainda outros elementos essenciais na história. Refletimos ainda sobre a extrapolação de informação e adição de novos factos, isto é, acontecimentos imaginados ou informação errónea sobre o acontecimento.

Ordem e detalhes das personagens e acontecimentos

Na sua maioria, as crianças foram capazes de recordar os acontecimentos do filme apresentado, como afirmava Steward (1993) (cit in Lamb, Hershkowitz, Orbach, & Esplin, 2010).

M. (5 anos, género feminino)

Entrevistador: Diz-me então tudo o que aconteceu.

Criança: Foi assim: a menina comeu um chocolate e depois a mãe chamou-a para ela apertar o vestido.

Entrevistador: Hum, hum...

Criança: E depois...hum... pôs as mãos no vestido da mãe e sujou.

T. (6 anos, género masculino)

Entrevistador: Diz-me então tudo sobre o filme.

Criança: Uma miúda que estava a comer um chocolate foi ajudar a mãe e pôs o vestido todo cheio de chocolate a fechar o fecho, atras.

É de referir que as crianças com 4 anos tenderam a limitar a história ao segmento do filme em que a criança sujou o vestido da mulher, demonstrando que essa foi a parte que lhes suscitou mais interesse e atenção.

No entanto, como irmos ver de seguida, algumas crianças descreveram factos e acontecimentos que não se apresentavam no filme.

Extrapolação de informação e adição de novos factos

Esta categoria contempla as questões relacionadas com extrapolção de factos, ou seja, à apresentação de informação relativas às personagens ou segmentos do filme que não foram apresentados à criança e que podem advir da sua interpretação.

À exceção da criança que não respondeu às questões sobre o filme (referida já na categoria relativa ao comportamento das criança), todas as crianças supuseram que a diáde que se apresentava no filme se tratava de uma relação mãe-filha.

G.S. (4 anos, género masculino)

Entrevistador: Conta-me tudo sobre o filme.

Criança: Era... era... uma mãe e uma filha.

C (6 anos, género)

Entrevistador: Conta-me então tudo sobre o filme”

C23, 6 anos: “ A mãe chamou a filha para lhe apertar o vestido.”

Para além desta questão foi claro que as crianças acrescentaram alguns factos ao filme visualizado e que se prenderam quer com pormenores das personagens, quer dos acontecimentos em si.

G.S. (4 anos, género masculino)

Entrevistador: Conta-me tudo sobre o filme.

Criança: Era... era... uma mãe e uma filha.

Entrevistador: E depois? O que é que aconteceu?

Criança: E depois foram ao doutor.

Entrevistador: E depois? O que é que aconteceu?

Criança: Depois foram para casa e também foram para o parque.

C.M. (5 anos, género feminino)

Entrevistador: Disseste que a mãe tinha um vestido. Fala-me sobre ele.

Criança: Era assim comprido e era às florzinhas... e não tinha alças.

G. (6 anos, género masculino)

Entrevistador: E depois? O que aconteceu?

Criança: Ela pediu o carro... as chave do carro à menina. A menina estava ali (aponta para a miniatura de cozinha da sala onde estava a decorrer a entrevista) a comer... em cima da coisa da cozinha.

Desenvolvimento moral

No que respeita à categoria desenvolvimento moral decidiu-se analisar a apresentação de julgamentos morais ou avaliações dos comportamentos que as crianças observaram no filme.

B. (5 anos, género masculino)

Entrevistador: Fala-me então tudo sobre o filme.

Criança: Ela...a menina 'tava a mentir.

Entrevistador : Fala-me mais sobre isso.

Criança: Ela não disse à mãe que tinha comido o chocolate.

S.(6 anos, género feminino)

Entrevistador: Conta-me mais sobre a menina.

Criança: Ela... a filha enganou. Escondeu a bolacha atrás das costas.

De facto, tal como Piaget, Kohlberg e Eisenberg, identificaram, as crianças apresentaram uma atenção especial para o facto de a criança ter infringido uma regra, ocultado à sua “mãe” o facto de estar a comer um chocolate. Na realidade, algumas crianças alertaram mesmo para o facto de que o incumprimento de regras poderá traduzir-se em punições (cit in Papalia, Olds, Feldman, 2001; Ribeiro, 2009).

M. (5 anos, género masculino)

Entrevistador: Agora vou-te pedir para pensares em tudo o que já me disseste e me contes o filme do início até ao fim.

Criança: A menina estava a comer um chocolate na cozinha, (...) mas limpou a mão e sujou o vestido e depois a mãe foi embora. E depois ela vestiu o vestido e depois ela ia calçar e viu o vestido todo sujo e ralhou à menina... Mas não sei mais...

Capítulo IV – Conclusão

Como forma de conclusão deste estudo, procuramos que este capítulo se convertesse numa síntese dos diversos momentos seguidos ao longo de toda a investigação.

Nesse sentido iremos discutir os resultados obtidos em função do estado de arte apresentado, analisando também a metodologia utilizada para os obter. Pretendemos realizar uma reflexão sobre todo o estudo, nomeadamente sobre o alcance dos seus objetivos, ponderação das suas limitações e ainda propostas para futuras investigações.

Na revisão bibliográfica fundamentamos que o fenómeno do abuso de crianças tem desenvolvido uma preocupação crescente relativamente à envolvência das crianças nos processos judiciais, visto o seu relato ser, em muitos casos, a única prova. Esta necessidade de ouvir o testemunho da criança suscitou a investigação através de diversas ciências sociais, destacando-se a Psicologia e o Direito. Foram então surgindo teorias ambivalentes sobre a pertinência do seu testemunho e o impacto que a sua integração na intervenção judicial pode ter no seu desenvolvimento (Ribeiro, 2009).

Ao confrontar-se com esta realidade, a comunidade científica orientou a sua investigação para o desenvolvimento de técnicas de entrevista com crianças que eliminassem práticas comprometedoras e contaminadoras do seu testemunho e avaliassem a validade da sua informação.

Nesse sentido desenvolveram-se orientações metodológicas como o protocolo do NICHHD, o qual apresenta como objetivo máximo aumentar a organização e a qualidade das entrevistas, ponderando as questões desenvolvimentais da própria criança e controlando as variáveis que lhe são externas.

O presente estudo pretende ser mais um momento de investigação e reflexão sobre o que pode promover uma entrevista forense adequada a crianças em idade pré-escolar. Com esse intuito aplicou-se o protocolo do NICHHD em criança com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos de idade, explorando a sua pertinência e validade nesta faixa etária e no contexto português.

Sabendo que a literatura aponta para a envolvência de processos cognitivos que dependem da maturação física e psicológica da criança, importou-nos garantir que a amostra era constituída por indivíduos com um nível de desenvolvimento global

adequado às idades cronológica avaliada. Além desta preocupação, procurou-se que a amostra fosse representativa de uma população não-clínica, ou seja, que não abrangesse crianças que tivessem passado por uma situação abusiva. Este requisito prendeu-se com a necessidade de focar o nosso objetivo nas dinâmicas decorrentes do desenvolvimento, eliminando assim variáveis provenientes das dinâmicas dos abusos.

As entrevistas foram realizadas a 24 crianças de um jardim de infância do concelho do Porto, tendo sido requerido o consentimento informado e seguidos todos os parâmetros burocráticos e éticos deste tipo de estudo.

As referidas entrevistas foram gravadas em formato áudio e transcritas, sendo que os resultados obtidos foram analisados através de dois momentos referentes ao método quantitativo e qualitativo. O uso de ambos os métodos permitiu uma complementaridade de dados que se apresentou bastante pertinente para a interpretação dos resultados obtidos.

Numa análise ao que tem sido estudado pela comunidade científica desta área, apercebemo-nos da pertinência que alguns processos cognitivos podem ter no desenrolar de uma entrevista forense (Carvalho, 1979). Por essa razão decidimos refletir sobre a linguagem da criança, compreendendo que esta se trata de uma ferramenta central uma vez que permite que a criança exponha os seus pensamentos e emoções aos outros (idem).

De facto no nosso estudo compreendemos que as crianças com idade entre os 4 e os 6 anos já possuem a capacidade de construir declarações que refletem as suas cognições, sendo aqui traduzidas pelo conhecimento sobre o filme visualizado.

Contrariando o que Jones (2003, cit. in Peixoto, Ribeiro & Lamb, 2011) afirmava, no nosso estudo, apenas uma criança demonstrou dificuldade em compreender o que lhe era questionado pelo entrevistador. Na realidade, o entrevistador foi orientado para utilizar o máximo de palavras da criança, no sentido de derrubar entraves advindos da incompreensão do seu discurso, como já tinha sido sugerido por Orbach (2000) e Cyr e Lamb (2009).

A maioria das crianças da amostra apresentou uma exposição de informação suficientemente compreensível para derrubar interpretações ambíguas (Powell & Snow, 2007).

Os dados recolhidos junto da nossa amostra permitiram-nos ainda analisar que as crianças mais novas tendem a construir frases mais curtas, com menos informação (Patterson & Pipe, 2009). A análise estatística realizada demonstrou que as crianças

de 4 anos apresentaram resultados inferiores relativamente à quantidade de detalhes que forneceram durante a entrevista. Neste sentido sublinhamos a concordância do nosso estudo com o de Snow e colaboradores (2009), no qual retirou conclusões semelhantes.

Tal como foi sugerido por Lamb e colaboradores (1996), os tipos de questões colocadas durante a entrevista influenciaram a informação que a criança forneceu, demonstrando que são sobretudo as questões abertas que promovem a exploração de detalhes dos acontecimentos. Os facilitadores apresentaram também um papel muito importante no que toca ao incentivo da continuação do discurso da criança mas devido à pouca utilização deste pelo entrevistador, não é possível retirar mais conclusões.

De facto, as crianças tenderam a apresentar respostas muito breves perante as questões diretas e orientadas mas também com as sugestivas (Ceci & Bruck, 1993; Lamb *et al*, 2007), Visto termos realizado as nossas entrevistas sob as orientações da protocolo de entrevista do NICHD, as outras tipologias de questões como os comentários introdutórios, as questões não-substantivas, as âncoras, e as referências emocionais positivas/negativas apresentaram de resultados de utilização muito baixos e ate mesmo nulos, impossibilitando conclusões mais aprofundadas.

Refletindo sobre a quantidade de detalhes fornecidos pela criança em função dos diferentes tipos de questões, demonstramos que as crianças tenderam a dar mais informação através das questões abertas. Resultado que advém também da maior utilização de questões abertas pelo entrevistador mas que não nega a concordância com o que a literatura refere sobre a capacidade destas promoverem o relato de mais informação.

No que diz respeito às declarações das crianças, estas demonstraram tendência a recorrer a *declarações responsivas* como resposta às questões colocadas. No entanto, aquando a realização da análise estatística, compreendemos que as crianças de 4 anos tenderam a usar menos declarações deste género. Relativamente a este resultado, como ao resultado obtido para a quantidade de detalhes quantificado, importa referir que as entrevistas com as crianças de 4 anos foram tendencialmente mais curtas que as restantes. Durante as entrevista confrontamo-nos ainda com algumas recusas à resposta de questões do entrevistador, situação que não se diferencia em nenhuma idade ou género mas que se demonstrou condicionante do desenrolar da entrevista. A literatura defende que no contexto da desocultação de situações de abusos tal se deve a questões emocionais, no entanto, não é possível compreender o que impediu as crianças de não responder a algumas questões

Apesar destas condicionantes – que podem advir de fatores externos difíceis de avaliar neste estudo – conseguimos compreender que o protocolo do NICHD demonstra eficácia na população pré-escolar, promovendo o discurso livre e preciso das crianças

Já relativamente ao processo cognitivo da memória - outro dos processos envolvidos no decorrer da entrevista forense- os resultados obtidos confirmaram que nas idades compreendidas na amostra, as crianças conseguem reter e organizar narrativas coerentes sobre factos passados (Steward, 1993 cit in Lamb, Hershkowitz, Orbach, & Esplin, 2010). Na realidade as crianças conseguiram evocar bastante informação sobre o acontecimento (Cassel & Bjorklund, 1995; Larsson & Lamb, 2009).

Ceci & Bruck (1993) afirmaram que as crianças desta idade demonstravam uma tendência superior para criar factos e acontecimentos positivos que as enaltescessem. Os resultados obtidos na nossa investigação demonstraram uma propensão para as crianças apresentarem detalhes e informação errónea sobre o filme que visionaram, acrescentando pormenores das personagens e acontecimentos. Na realidade não possuímos dados que possa afirmar que os nossos resultados contradizem o que foi apresentado por Ceci & Bruck (1993), uma vez que aqui nos referimos ao relato de um acontecimento fictício e que é vivido por outro e que não apela aos sentimentos da criança naquela situação. No entanto, não devemos desprezar estes dados, uma vez que não depende da idade nem do género da criança. Numa tentativa de explicação, podemos apelar ao facto do relato descrever um filme, o que apela ao *mundo fictício* e pode potenciar a fantasia da criança, no entanto, tal não passa de uma especulação.

Acrescenta-se ainda que conforme Gudjonsson e colaboradores (2010) afirmaram, as crianças mais novas – aqui retratadas pelos 4 anos de idade – tenderam a apresentar maior dificuldade de concentração durante as entrevistas, levando-as a responder de forma curta, de acordo com as sugestões do entrevistador ou mantendo-se caladas (idem).

Outro facto que é importante enfatizar é que todas as crianças, excetuando a que não respondeu às questões colocadas – referiram que a diáde apresentada se tratava de uma relação mãe-filha. No decorrer do filme não existe qualquer tipo de referência a essa relação, no entanto, podemos depreender que esta extrapolação se relaciona com questões culturais das crianças avaliadas.

Durante o relato do filme foi possível compreender que as crianças tendiam a manifestar-se sobre os acontecimento que iam ocorrendo, apresentado

inconformidade com o facto de a criança ocultar o facto de comer o chocolate à “mãe”. Este aspeto faz-nos recorrer à teoria do desenvolvimento moral que foi refletida no enquadramento teórico. Na realidade as crianças da amostra verbalizaram que aquele acto era incorreto por infringir as regras, mencionando-o como uma *mentira* ou uma *partida*, referindo até que a criança seria castigada depois de descoberta. Recorrendo à teoria do desenvolvimento moral, conseguimos compreender a analogia que as crianças fizeram entre a quebra de regras e o castigo, uma vez que a sua interpretação dos acontecimentos se centra na existência de condições inquebráveis, nomeadamente nas regras e limites impostos pelos cuidadores (Bersoff & Miller, 1993).

Se compreendermos esta questão à luz da intervenção forense, percebemos que as crianças na idade pré-escolar tendem a discriminar as situações pela sua concordância com o sistema de regras e valores que os adultos de referência lhe impõem. Num processo judicial, esta condição pode influenciar o testemunho da criança na medida em que se lhe é indicado que os abusos são consequência da quebra de regras, esta poderá interpreta-los com adequados (Cárdenas, 2000).

Os resultados apresentados neste estudo permitem-nos tirar algumas conclusões sobre a influência das características desenvolvimentais das crianças na informação disponibilizada durante a entrevista, no entanto, não podemos deixar de referir a existência de algumas limitações que podem ter impacto no alcance do objetivo que propusemos.

Desde logo enfatizamos o tamanho da amostra que, sendo composta por 24 indivíduos se refere a um universo muito pequeno da população que pretendemos avaliar. De facto, o número reduzido de indivíduos condicionou a extrapolação de resultados através da análise estatística, não sendo possível realizar relações claras entre as variáveis. Contrariamente, o método de análise de conteúdo demonstrou-se útil devido à sua aplicabilidade em amostras pequenas, no entanto, a análise do investigador, o que pode ter levado à categorização de elementos menos pertinente em detrimento de outros mais relevantes (Bardin, 1977).

Abordamos ainda o facto de as crianças terem sido entrevistadas na sua escola, o que pode ser compreendido por esta como uma questão de avaliação e aumentar o seu grau de ansiedade. Outra limitação diz respeito à avaliação do desenvolvimento global das crianças, o qual não foi realizado por nenhum método formal, tendo-se apenas pedido às educadoras para balizarem este parâmetro, para que as crianças escolhidas se encontrassem num nível de desenvolvimento adequado e relativamente homogéneo.

Já no que diz respeito à metodologia de recolha de dados adotada, o facto de a entrevistadora ser também a investigadora deste estudo, permitiu uma maior integração dos dados recolhidos durante a entrevista, no entanto, tornou-se mais difícil a postura crítica relativamente à sua atuação. Esta questão fez com que não nos debruçássemos tanto na análise do papel da entrevistadora, limitando os resultados obtidos.

No que se refere à forma de recolha da informação, isto é, ao método de gravação das entrevistas, defendemos que o uso do vídeo poderia fornecer-nos mais dados sobre a dinâmica criança-entrevistador, desvanecendo a questão anteriormente referida. Além disso, permitiria conhecer mais sobre o comportamento não-verbal adotado pela criança e pelo entrevistador no decorrer da entrevista.

Outra questão de extrema importância é que, comparativamente aos outros estudos realizados com a implementação do protocolo NICHD, a entrevistadora não possui o mesmo treino com o mesmo e os anos de experiência que os outros entrevistadores (Orbach e colaboradores, 2000)

Apesar das limitações apresentadas, defendemos que este estudo se pode apresentar como incitador para a investigação da influência das características do desenvolvimento da criança na entrevista forense.

Neste sentido apresentamos propostas para futuras investigações, apresentando vários pontos que podem vir a ser explorados.

Em primeiro lugar propomos a realização de estudos com amostras de maior dimensão por forma a derrubar condicionalismo de generalização dos dados à população em geral. Sugerimos ainda estudos que realizem o contraste entre crianças em idade pré-escolar e mais velhas, tendo em atenção outras variáveis para além das referidas neste estudo.

Alertamos ainda para a necessidade de conhecer mais sobre a diferença de entre a aplicação do protocolo por entrevistadores treinados e não treinados para o mesmo.

Já quanto à análise e tratamento de dados enfatizamos que o aumento da amostra poderá permitir a maior fidedignidade dos mesmos, compreendendo que o uso do método quantitativo em complementaridade com o qualitativo poderá fornecer informação mais aprofundada sobre os fenómenos.

Bibliografia

Almeida, L. S., & Freire, T. (2007). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilibrios.

Amado, J. (2000). A Técnica da Análise de Conteúdo. *Referência* 5, 53-63.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barracos, J. M. (2006). *Estatística: um sobrevoo*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Bersoff, D. M., & Miller, J. G. (1993). Culture, Context, and the Development of Moral Accountability Judgments. *Developmental Psychology*, Vol. 29 (4), 664–77.

Bruck, M., & Ceci, S. J. (1999). The suggestibility of children's memory. *Annual Reviews*, 55, 419-439.

Bruck, M., Ceci, S., & Hembrooke, H. (2002). The nature of children's true and false narratives. *Developmental Review*, 22, 520-554.

Cárdenas, E. (2000) El abuso de la denuncia de abuso. *La Lei*, 178, 1-3.

Carter, C. A., Bottoms, B. L., & Levine, M. (1996). Linguistic and socioemotional influences on the accuracy of children's reports. *Law & Human Behavior*, 20, 335–358

Castro, S. L., & Gomes, I. (2000). *Dificuldades de Aprendizagem da Língua Materna*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ceci, S. J., & Bruck, M. (1993). The suggestibility to the child witness: A historical review and synthesis. *Psychological Bulletin*, 113, 403–439.

Ceci, S. J., & Friedman, R. D. (2000). The suggestibility of children: Scientific research and legal implications. *Cornell Law Review*, 86, 34–108

Ceci, S. J., & Bruck, M. (1995). *Jeopardy in the courtroom: A scientific analysis of children's testimony*. Washington DC: American Psychological Association.

Cunha, E. (2010). *Como nos tornámos humanos* (2ª ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade.

Cyr, M., & Lamb, M. E. (2009). Assessing the effectiveness of the NICHD investigative interview Protocol when interviewing French-speaking alleged victims of child sexual

abuse in Quebec. *Child Abuse & Neglect*, 33, 257-268.

DeVoe, E. & Taller, K. (2002). Questioning Strategies in Interviews with Children Who May Have Been Sexually Abused. *Child Welfare*, LXXXI (1), 5-31

Elo, S., & Kyngas, H. (2007). The qualitative analysis process. *Journal of Advanced Nursing*, 62(1), 107–115.

Fivush, R., Peterson, C., & Schwarzmuller, A. (2002). Questions and answers: The credibility of child witnesses in the context of specific questioning techniques. In M.L. Eisen, J.A. Quas, & G.S. Goodman (Eds.), *Memory and suggestibility in the forensic interview* (pp. 331-354). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Goodman, G., Melinder, A. (2007). Child witness research and forensic interviews of young children: A review. *Legal and Criminological Psychology*, 12, 1– 9.

Gudjonsson, G., Sveinsdottir, T., Sigurdsson, J. F., & Jonsdottir, J. (2010). The ability of suspected victims of childhood sexual abuse (CSA) to give evidence. Findings from the Children's House in Iceland. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 21(4), 569-586.

Hershkowitz, I., Fisher, S., Lamb, M. L., & Horowitz, D. (2007). Improving credibility assessment in child sexual abuse allegations: The role of the NICHD investigative interview protocol. *Child Abuse & Neglect*, 31, 99-110.

Hershkowitz, I., Horowitz, D., & Lamb, M. E. (2005). Trends in children's disclosure of abuse in Israel: A national study. *Child Abuse & Neglect*, 29, 1203-1214.

Hershkowitz, I., Orbach, Y., Lamb, M. E., Sternberg, K. J., & Horowitz, D. (2006). Dynamics of forensic interviews with suspected abuse victims who do not disclose abuse. *Child Abuse & Neglect*, 30, 753-769.

Lamb, M. E., Hershkowitz, I., Orbach, Y., & Esplin, P. W. (2008). Tell me what happened – Structured investigative interviews of child victims and witnesses. *Wiley Series in the Psychology of Crime, Policing and Law*.

Lamb, M. E., Hershkowitz, I., & Sternberg, K. J. (1996). Investigative interviews of alleged sexual abuse victims with and without anatomical dolls. *Child Abuse & Neglect*, 20(12), 1251-1259.

Lamb, M. E., Orbach, Y., Hershkowitz, I., Esplin, P. W., Horowitz, D. (2007a). A structured forensic interview protocol improves the quality and informativeness of

investigative interviews with children: A review of research using the NICHD Investigative Interview Protocol. *Child Abuse & Neglect*, 31, 1201-1231.

Lamb, M. E., Orbach, Y., Hershkowitz, I., Horowitz, D., & Abbott, C. B. (2007b). Does the type of prompt affect the accuracy of information provided by alleged victims of abuse in Forensic Interviews? *Applied Cognitive Psychology*, 21, 1117-1130.

LaRooy, D. (2010). The quality of joint investigative interviews with children in Scotland. *Scots Law Times*, 24, 133-137.

Larsson, A. S., & Lamb, M. E. (2009). Making the Most of Information-gathering Interviews with Children. *Infant and Child Development*, 18, 1-16.

Loftus, E.F. (1979). The malleability of human memory. *American Scientist*, 67, 312-32.

Magalhães, T. (2010). *Violência e Abuso – Respostas simples para questões complexas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Magalhães, T., & Ribeiro, C. (2007). A colheita de informação a vítimas de crimes sexuais. *Acta Med., Port.*, 20, 439-445.

Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Psiquilibrios Edições.

Myklebust, T., & Bjørklund, R. A. (2010). Factors affecting the length of responses in field investigative interviews of children (FIIC) in child sexual abuse cases. *Psychiatry, Psychology and Law*, 17(2), 273—289.

Orbach, Y., & Lamb, M. E. (2000). Enhancing children's narratives in investigative interviews. *Child Abuse & Neglect*, 24(12), 1631-1648.

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw Hill.

Patterson, T., Pipe, M. (2009). Exploratory assessments of child abuse: Children's responses to interviewer's questions across multiple interview sessions. *Child Abuse & Neglect*, 33, 490–504.

Pearce, J. W., & Pezzot-Pearce, T. D. (2007). *Psychotherapy of Abused and Neglected Children* (2^a ed.). Guilford Press. New York and London.

Peixoto, C., Ribeiro, C., & Lamb, M. (2011). Protocolo de entrevista forense com crianças abusadas. Why and What for? Teresa Magalhães (Eds.) *Abuse & Neglect Series. To improve de Management of Child Abuse and Neglect*. SPECAN- Sociedade

Portuguesa para o Estudo da Criança Abusada e Negligenciada.

Pestana, M., & Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo

Poole, D. A., & Lamb, M. E. (1998). *Investigative interviews of children: A guide for helping professionals*. Washington DC: American Psychological Association.

Powell, M., Cavezza, C., Hughes-Scholes, C., & Stoove, M. (2010). Examination of the consistency of interviewer performance across three distinct interview contexts. *Psychology, Crime & Law*, 16(7), 585-600.

Reis, E. (1998). *Estatística descritiva* (4ª ed.). Lisboa: Silabo.

Ribeiro, C. (2009). *A criança na Justiça – Trajectórias e significados do processo judicial de crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar*. Coimbra: Almedina.

Saywitz, K. & Camparo, L. (1998). Interviewing child witnesses: A developmental perspective. *Child Abuse and Neglect*, 22, 825-843.

Saywitz, K. (1989). Children's conceptions of the legal system: "Court is a place to play basketball." In Ceci, S.J., Ross D.F., & Toglia M.P. (Eds.), *Perspectives on children's testimony*. New York: SpringerVerlag.

Shaffer, D. & Serlin, R. (2004). What good are statistics that don't generalize? *Educational Researcher*, vol. 33(9), 14-25.

Snow, P. C., Powell, M. B., & Murfett, R. (2009). Getting the story from child witnesses: exploring the application of a story grammar framework. *Psychology, Crime & Law*, 15(6), 555 — 568

Teoh, Y., & Lamb, M. E. (2010). Preparing children for investigative interviews: Rapport-Building, instruction, and evaluation. *Applied Developmental Science*, 14(3), 154-163.

Undeutsch, U. (1989). The development of statement reality analysis. In Yuille, J. (Ed.), *Credibility Assessment*. Dordrecht (NL): Kluwer, 101-121.

Wakefield, H., & Underwager, R. (1991). Sexual abuse allegations in divorce and custody disputes. *Behavioral Sciences & the Law*, 9, 451-468.

ANEXOS

Anexo I – Tabelas análise quantitativa

Tabelas relativas às *Estatística Descritiva*

Tabela 1 - Frequências das declarações fornecidas pela criança durante as entrevistas

	<i>Média (DP)</i>	<i>Máximo</i>	<i>Mínimo</i>
Quantidade de declarações	10.08 (3.78)	18,00	3,00

Tabela 2 – Frequências dos tipos de declarações das crianças durante as entrevistas

	<i>Média (DP)</i>	<i>Máximo</i>	<i>Mínimo</i>
Declarações responsivas	7.17 (3.02)	14	0
Declarações não-responsivas	0.67(1.05)	4	0
Declarações divergentes	0.21(0.72)	3	0
Declarações em que existe o pedido de esclarecimento	0.08(0.41)	2	0
Declarações pouco claras	0.21(0.51)	2	0
Não resposta	1.75(1.85)	6	0

Tabela 3 - Frequências de detalhes fornecidos pela criança durante as entrevistas

	<i>Média (DP)</i>	<i>Máximo</i>	<i>Mínimo</i>
Quantidade de detalhes	81.08 (43.48)	160.00	14.00

Tabela 4 - Frequências de detalhes para cada tipo de questão do entrevistador

	<i>Média (DP)</i>	<i>Máximo</i>	<i>Mínimo</i>
Detalhes com Comentários introdutórios	0.00 (0.00)	0.00	0.00
Detalhes com Questões não-substantivas	0.00 (0.00)	0.00	0.00
Detalhes com Âncoras	0.00 (0.00)	0.00	0.00
Detalhes com Facilitadores	1.21 (2.80)	10.00	0.00
Detalhes com Referências emocionais positivas	0.00 (0.00)	0.00	0.00
Detalhes com Referências emocionais negativas	0.00 (0.00)	0.00	0.00
Detalhes com Questões abertas	80.58 (39.07)	157.00	18.00
Detalhes com Questões diretas	2.63 (5.24)	23.00	0.00
Detalhes com Questões orientadas	0.04 (0,21)	1.00	0.00
Detalhes com Questões sugestivas	0.13 (0.34)	1.00	0.00

Tabela 5 - Frequências dos tipos de questões que o entrevistador usou nas entrevistas

	<i>Média (DP)</i>	<i>Máximo</i>	<i>Mínimo</i>
Comentários introdutórios	1.00 (0.00)	1.00	1.00
Questões não-substantivas	0.00 (0.00)	0.00	0.00
Âncoras	0.00 (0.00)	0.00	0.00
Facilitadores	0.21 (0.42)	1.00	0.00
Referências emocionais positivas	0.00 (0.00)	0.00	0.00
Referências emocionais negativas	0.00 (0.00)	0.00	0.00
Questões abertas	8.75 (3.00)	17.00	3.00
Questões diretas	0.54 (0.80)	2.00	0.00
Questões orientadas	0.08 (0.29)	1.00	0.00
Questões sugestivas	0.13 (0.34)	1.00	0.00

Tabela 6 - Frequências de novos factos imaginados

	<i>Média (DP)</i>	<i>Máximo</i>	<i>Mínimo</i>
Novos factos imaginados	2.96 (2.24)	8.00	0.00

Tabelas relativas às *Estatística Inferencial*

Variável independente – Género

Tabela 7 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino relativamente à quantidade de declarações proferidas na entrevista

	Feminino (n = 12) <i>Média (DP)</i>	Masculino (n = 12) <i>Média (DP)</i>	<i>U</i>
Declarações durante a entrevista (<i>score total</i>)	10.17 (1.06)	10.00 (1.17)	70.00*

*p>.05

Tabela 8 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino quanto ao tipo de declarações das crianças proferidas durante a entrevista

	Feminino (n = 12) <i>Média (DP)</i>	Masculino (n = 12) <i>Média (DP)</i>	<i>U</i> *
Declarações responsivas (<i>score total</i>)	6.43 (0.62)	7.92 (1.05)	46.00*
Declarações não-responsivas (<i>score total</i>)	0.58 (0.26)	0.75 (0.35)	69.50*
Declarações divergentes (<i>score total</i>)	0.25 (0.25)	0.17 (0.17)	71.00*
Declarações em que existe o pedido de esclarecimento (<i>score total</i>)	0.17 (0.17)	0.00 (0.00)	66.00*
Declarações pouco claras (<i>score total</i>)	0.25 (0.18)	0.17 (0.11)	71.00*
Não resposta (<i>score total</i>)	2.50 (0.53)	1.00 (0.46)	35.50*

*p>.05

Tabela 9 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino relativamente à quantidade de detalhes por feridos durante a entrevista

	Feminino (n = 12) <i>Média (DP)</i>	Masculino (n = 12) <i>Média (DP)</i>	<i>U</i>
Detalhes durante a entrevista (<i>score total</i>)	74.75 (10.93)	87.41 (14.24)	61.00*

*p>.05

Tabela 10 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino quanto à aplicação de cada tipo de questão

	Feminino (n = 9) <i>Média (DP)</i>	Masculino (n = 4) <i>Média (DP)</i>	<i>U</i>
Comentários introdutórios (<i>score total</i>)	0.00 (0.00)	0.00 (0.00)	72.00*
Questões não-substantivas (<i>score total</i>)	0.00 (0.00)	0.00 (0.00)	72.00*
Âncoras (<i>score total</i>)	0.00 (0.00)	0.00 (0.00)	72.00*
Facilitadores (<i>score total</i>)	0.25 (0.13)	0.17 (0.11)	66.00*
Referências emocionais positivas (<i>score total</i>)	0.00 (0.00)	0.00 (0.00)	72.00*
Referências emocionais negativas (<i>score total</i>)	0.00 (0.00)	0.00 (0.00)	72.00*
Questões abertas (<i>score total</i>)	8.50 (0.73)	9.00 (1.01)	66.50*
Questões diretas (<i>score total</i>)	0.67 (0.26)	0.42 (0.19)	62.00*
Questões orientadas (<i>score total</i>)	0.08 (0.08)	0.08 (0.08)	72.00*
Questões sugestivas (<i>score total</i>)	0.08 (0.08)	0.17 (0.11)	66.00*

* $p > .05$

Tabela 11 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e o sexo masculino relativamente à quantidade de novos factos imaginados

	Feminino (n = 12) <i>Média (DP)</i>	Masculino (n = 12) <i>Média (DP)</i>	<i>U</i>
Novos factos imaginados (<i>score total</i>)	2.41(0.42)	3.50 (0.80)	59,00*

* $p > .05$

Variável independente – Idade

Tabela 12 - Diferenças entre as diferentes idades das crianças relativamente à quantidade de declarações proferidas na entrevista

	4 (n = 7) <i>Ordem</i> <i>média</i>	5 (n = 10) <i>Ordem</i> <i>média</i>	6 (n = 7) <i>Ordem</i> <i>média</i>	<i>X²(1)</i>
Declarações por entrevista (<i>score total</i>)	7.93	14.15	14.71	4,243*

* $p > .05$

Tabela 13 - Diferenças entre as diferentes idades das crianças relativamente ao tipo de declarações proferidas na entrevista

	4 (n = 7) <i>Ordem</i> <i>média</i>	5 (n = 10) <i>Ordem</i> <i>média</i>	6 (n = 7) <i>Ordem</i> <i>média</i>	$X^2(1)$
Declarações responsivas (<i>score total</i>)	6.71	15.25	14.36	6.84*
Declarações não-responsivas (<i>score total</i>)	7.50	14.90	14.07	6.43*
Declarações divergentes (<i>score total</i>)	13.14	12.75	11.50	0.92*
Declarações em que existe o pedido de esclarecimento (<i>score total</i>)	12.00	12.00	13.71	2.43*
Declarações pouco claras (<i>score total</i>)	13.79	11.65	12.43	0.90*
Não resposta (<i>score total</i>)	14.57	11.05	12.50	1.10*

*p>.05

Tabela 14 - Diferenças entre as diferentes idades das crianças relativamente à quantidade de detalhes proferidos na entrevista

	4 (n = 7) <i>Ordem</i> <i>média</i>	5 (n = 10) <i>Ordem</i> <i>média</i>	6 (n = 7) <i>Ordem</i> <i>média</i>	$X^2(1)$
Detalhes durante a entrevista (<i>score total</i>)	6.14	15.75	14.21	8.19*

*p>.05

Tabela 15 - Diferenças entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino quanto à aplicação de cada tipo de questão

	4 (n = 7) <i>Ordem média</i>	5 (n = 10) <i>Ordem média</i>	6 (n = 7) <i>Ordem média</i>	$X^2(1)$
Comentários introdutórios (<i>score total</i>)	12.50	12.50	12.50	0.00*
Questões não-substantivas (<i>score total</i>)	12.50	12.50	12.50	0.00*
Âncoras (<i>score total</i>)	12.50	12.50	12.50	0.00*
Facilitadores (<i>score total</i>)	10.00	14.80	11.71	4.07*
Referências emocionais positivas (<i>score total</i>)	12.50	12.50	12.50	0.00*
Referências emocionais negativas (<i>score total</i>)	12.50	12.50	12.50	0.00*
Questões abertas (<i>score total</i>)	8.79	14.90	12.79	3.18*
Questões diretas (<i>score total</i>)	9.43	13.35	14.93	2.62*
Questões orientadas (<i>score total</i>)	11.50	11.50	14.93	5.08*
Questões sugestivas (<i>score total</i>)	11.00	14.60	11.00	4.60*

* $p > .05$

Tabela 16 - Diferenças entre as diferentes idades das crianças relativamente à quantidade de novos factos imaginados

	4 (n = 7) <i>Ordem média</i>	5 (n = 10) <i>Ordem média</i>	6 (n = 7) <i>Ordem média</i>	$X^2(1)$
Novos factos imaginados (<i>score total</i>)	8.36	13.75	14.86	3.67*

* $p > .05$

Anexo II – Guião de Entrevista Forense do NICHD

Tradução e adaptação: Peixoto, Ribeiro & Alberto, 2010

I. Introdução

1. **“Olá, eu chamo-me _____ e sou _____ (identificar profissão)*. (Apresentar todas as outras pessoas presentes na sala; idealmente não estará mais ninguém presente) Hoje é _____ (data)* e são agora _____ (horas)*. Estou a entrevistar _____ (nome do entrevistado/a)* no/a _____ (local)*.”**

“Como podes ver, temos aqui uma câmara de vídeo e um microfone para gravar a nossa conversa para ser mais fácil para lembrar-me de tudo o que me vais contar. Por vezes esqueço-me de algumas coisas e a gravação ajudam-me a ouvir com toda a atenção sem ter que estar a escrever tudo o que disseres”

“Uma parte do meu trabalho é falar com crianças (jovens) sobre coisas que lhes aconteceram. Encontro-me com muitas crianças (jovens) e assim elas podem contar-me a verdade sobre coisas que lhes aconteceram. Por isso, antes de começarmos, quero ter a certeza que tu compreendeste que é muito importante contar a verdade” (com crianças pequenas explicar: “Aquilo que é verdade e aquilo que é mentira”)

“Se eu disser que os meus sapatos são vermelhos (ou verdes), isso é verdade ou é mentira?” (Esperar por pela resposta, e depois dizer:)

2. **“Não pode ser verdade, pois os meus sapatos são (pretos, azuis, etc.). E se eu disser que agora estou sentado(a), isso é verdade ou é mentira (certo ou errado)?”**

(Esperar pela resposta)

3. **“Isso é verdade porque como podes ver estou aqui sentada”**

“Já vi que compreendes o que significa contar a verdade. É muito importante hoje me digas só a verdade. Tu deves falar-me só de coisas que realmente aconteceram contigo”

(Pausa)

4. **“Se eu te fizer uma pergunta que tu não percebas, diz “eu não percebi”. Está bem?”**

(Pausa)

“Se eu não perceber o que tu estás a contar, vou-te pedir para me explicares melhor”

(Pausa)

5. **“Se eu te fizer uma pergunta e tu não souberes a resposta diz “eu não sei”**

“Então se eu te perguntar como se chama o meu cão? (Ou o meu filho) O que é que tu respondias?”

(Esperar pela resposta)

(Se a criança responder, “Não sei”, dizer:)

6. “Certo porque tu não sabes!”

(se a criança der uma resposta ao acaso, dizer:)

“Não, tu não sabes a resposta porque não me conheces. Quando não sabes a resposta não respondas à sorte - diz que não sabes”.

(Pausa)

7. “E se eu disser coisas que são erradas deves dizer-me. Está bem?”

(Espere por uma resposta)

8. “Então se eu disser que tu és uma menina com dois anos (quando estamos a entrevistar um rapaz de 5 anos, etc.), o que é que tu deves dizer?”

(Se a criança não o corrigir, dizer:)

“O que deves dizer se eu me enganar e disser que tu és uma menina de 2 anos (quando estamos a entrevistar um rapaz de 5 anos, etc.)?”

(Espere por uma resposta)

9. “Correto. Agora já sabes o que fazer quando eu me enganar ou disser alguma coisa que não está certa”

(Pausa)

10. “Então se eu disser que tu estás de pé, o que dizes?”

(Espere por uma resposta)

“Correto”

II. Estabelecimento da Relação

“Agora quero conhecer-te melhor”

1. “Conta-me coisas que tu gostas de fazer”

(Espere que a criança responda)

(Se a criança der uma resposta detalhada, passe para a questão 3)

(Se a criança não responder, se der uma resposta curta, ou bloquear, pode perguntar:)

2. “Eu queria mesmo conhecer-te melhor. Preciso que me contes coisas que gostas de fazer”

(Espere por uma resposta)

3. “Conta-me mais sobre (atividade que a criança mencionou no seu relato. Evitar abordar temáticas como programas de televisão, filmes e fantasia) ”

(Espere por uma resposta)

III. Treino da Memória Episódica

Evento Especial

(Nota: esta secção é adaptada em função do acontecimento)

(antes da entrevista, identifique um acontecimento recente que a criança tenha vivido - primeiro dia da escola, aniversário, celebração de um feriado, etc. - coloque questões sobre este evento. Se possível, escolher um acontecimento que terá sucedido na mesma altura que o alegado ou suspeito abuso. Se o alegado abuso aconteceu durante um dia ou evento particular, questione sobre outro acontecimento)

“Eu quero saber mais sobre ti e sobre as coisas que tu fazes”

1. “Há uns (dias/semanas) **foi** (Férias/festa de anos/o primeiro dia da escola/outro evento). **Conta-me tudo o que aconteceu** (no teu aniversário, Páscoa, etc.)”

(Espere por uma resposta)

1a. “Pensa bem sobre (atividade ou evento) **e conta-me tudo o que aconteceu nesse dia desde que te levantas-te de manhã até** (parte do evento mencionado pela criança na resposta à questão anterior)”

(Espere por uma resposta)

(Nota: use esta questão as vezes que for necessário ao longo esta secção)

1b. “E depois o que é que aconteceu?”

(Espere por uma resposta)

(Nota: use esta questão as vezes que for necessário durante esta secção)

1c. “Conta-me tudo o que aconteceu depois (parte do evento mencionado pela criança) **até tu ires para a cama nessa noite”**

(Espere por uma resposta)

(Nota: use esta questão as vezes que for necessário ao longo esta secção)

1d. “Conta-me mais sobre (atividade mencionada pela criança)”

(Espere por uma resposta)

(Nota: use esta questão as vezes que for necessário ao longo esta secção)

1e. “Há pouco contaste que (atividade mencionada pela criança). **Conta-me tudo sobre isso”**

(Espere por uma resposta)

(Nota: use esta questão as vezes que for necessário ao longo desta secção)

(Se a criança realizar uma descrição pobre do acontecimento, continue com as questões 2-2e.)

(Nota: se a criança realizar uma descrição detalhada do acontecimento, diga:

“É muito importante que tu me contes tudo o que te lembres sobre as coisas que aconteceram contigo. Podes falar-me de coisas boas e coisas más”

Ontem

2. “Eu quero mesmo saber sobre coisas que acontecem contigo. Conta-me tudo o que aconteceu ontem, desde que tu acordaste até ires para a cama”

(Espere por uma resposta)

2a. “Não queria que deixasses nada por contar. Conta-me tudo o que aconteceu desde que acordaste até (alguma atividade ou parte do acontecimento mencionado pela criança na resposta à questão anterior)”

(Espere por uma resposta)

2b. “E depois o que é que aconteceu?”

(Espere por uma resposta)

(Nota: use esta questão as vezes que for necessário ao longo desta secção)

2c. “Conta-me tudo o que aconteceu depois (alguma atividade ou parte do evento mencionado pela criança) até tu ires para a cama”

(Espere por uma resposta)

2d. “Conta-me mais sobre (atividade mencionada pela criança)”

(Espere por uma resposta)

(Nota: use esta questão as vezes que for necessário ao longo desta secção)

2e. “Há pouco contaste que (atividade mencionada pela criança). Conta-me tudo sobre isso.”

(Espere por uma resposta)

(Nota: use esta questão as vezes que for necessário ao longo desta secção)

Hoje

Se a criança não fizer uma descrição detalhada sobre ontem, repita as questões 2 a 2e sobre hoje, usando:

“Conta-me de tudo o que aconteceu hoje, desde que tu acordaste até chegares aqui”.

“É mesmo muito importante que tu me contes tudo o que realmente aconteceu contigo”

Parte Substantiva da Entrevista

IV. Transição para as questões substantivas

“Agora que te conheço um pouco melhor, queria falar contigo sobre porque estás aqui hoje.”

(Se a criança começa a falar, espere)

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação - Exemplo: “o David mexeu-me no pipi” ou “o papa bateu-me”) - prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não refere nada sobre a alegação, prossiga para a questão 1)

1. “Eu percebo que pode ter acontecido alguma coisa contigo. Conta-me tudo o que aconteceu desde o início até ao fim”

(Se a criança começa a responder, espere)

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não refere nada sobre a alegação, prossiga para a questão 2)

2. “Como eu já te disse, o meu trabalho é falar com crianças sobre coisas que podem ter acontecido com elas. É muito importante que tu me contes porque (estás aqui/vieste aqui/eu estou aqui). Conta-me porque achas que (a tua mãe, o teu pai, a tua avó) te trouxe aqui hoje (ou “porque achas que eu estou a conversar contigo hoje)”

(Se a criança começa a responder, espere)

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não faz nenhuma alegação e o entrevistador não sabe que existiu algum contacto prévio com outras entidades, prossiga para as questões 4 e 5)

(Se a criança não fizer referência a nenhuma alegação e o entrevistador sabe que existiu algum contacto prévio com outras entidades, prossiga para a questão 3)

3. “Contaram-me que falaste com (Médico/Professor/Assistente Social/outro profissional) no (data e local). Conta-me do que é que falaram.

(Se a criança começa a responder, espere)

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não faz uma alegação e não existem marcas físicas visíveis, prossiga para a questão 5)

(Quando existem marcas físicas visíveis, o entrevistador observou fotografias destas ou lhe falaram delas, ou a entrevista decorre num hospital ou logo a seguir a um exame médico, diga:)

4. “Vejo (ouvi) que tens (marcas/feridas/hematoma) no/na (localização no corpo da criança). Conta-me tudo sobre isso.

(Se a criança começa a responder, espere)

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não faz nenhuma alegação, prossiga com a questão 5)

5. “Tens andado a ser incomodado ou magoado por alguém?”

(Se a criança começa a responder, espere)

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não confirma e não faz nenhuma alegação, prossiga com a questão 6)

6. “Aconteceu alguma coisa contigo no/em (local/data do alegado incidente)?”

(Nota: não mencione o nome do alegado suspeito ou qualquer pormenor da alegação)

(Se a criança começa a responder, espere)

((Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não confirma ou não faz nenhuma alegação, prossiga com a questão 7)

7. “Alguém te fez alguma coisa que não achaste bem?”

(Se a criança começa a responder, espere)

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não confirma ou não faz nenhuma alegação, prossiga com a questão 8)

PAUSA - ESTÁ PREPARADO PARA CONTINUAR? SERÁ MELHOR FAZER UM INTERVALO ANTES DE CONTINUAR?

SE DECIDIR CONTINUAR, DEVE FORMULAR VERSÕES ESPECÍFICAS DAS QUESTÕES 8 E 9 COM OS FACTOS DISPONÍVEIS ANTES DA ENTREVISTA. ASSEGURE-SE QUE ESTAS SUGEREM À CRIANÇA O MENOR NÚMERO DE DETALHES POSSÍVEL. SE AINDA NÃO FORMULOU AS QUESTÕES, FAÇA UM INTERVALO, E FORMULE-AS CUIDADOSAMENTE ANTES DE PROSSEGUIR.

8. “Alguém (fazer breve sumário das alegações ou suspeita sem adiantar nomes para o alegado perpetrador ou providenciar demasiados pormenores)” (Por exemplo: “Alguém te bateu?” ou “alguém mexeu no teu pipi?”)

(Se a criança começa a responder, espere)

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não confirma ou não faz nenhuma alegação, continue com a questão 8)

9.O/A teu/tua professor/a (médico(a)/psicólogo(a)/vizinho(a)) disse-me/mostrou-me (“que tu mexeste no pipi de outras crianças/ ”um desenho que tu fizeste”), e eu queria saber se alguma coisa aconteceu contigo. Alguém (fazer breve sumário das alegações ou suspeita sem adiantar nomes para o alegado perpetrador ou providenciar demasiados pormenores)”. Por exemplo: “Alguém na tua família te bateu?” ou “alguém mexeu no teu pipi?”)

(Se a criança começa a responder, espere)

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10)

(Se a criança faz uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a)

(Se a criança não confirma ou não faz nenhuma alegação, continue com a secção XI)

V. Investigação do(s) evento(s)

Questões Abertas

10. (se a criança tem menos de 6 anos, Repita a alegação usando as palavras da própria criança sem providenciar pormenores ou nomes que a criança não referiu.)

(diga:)

“Conta-me tudo sobre isso”

(Espere por uma resposta)

(se a criança tiver mais de 6 anos diga simplesmente:)

“Conta-me tudo sobre isso”

10a. “ E depois o que é que aconteceu?” ou “Conta-me mais sobre isso”

(Espere por uma resposta)

(Use esta questão as vezes que for necessário até obter uma descrição completa do alegado evento)

(NOTA: SE A DESCRIÇÃO DA CRIANÇA É GENÉRICA, IR PARA A QUESTÃO 12 (DIFERENCIAÇÃO DOS EVENTOS). SE A CRIANÇA DESCREVE UM EVENTO ESPECÍFICO, PROSSIGA PARA A QUESTÃO 10b)

10b. “Pensa nesse (dia/noite) e conta-me tudo o que aconteceu desde (acontecimento precedente já mencionado pela criança) até (alegado evento abusivo conforme descrito pela criança)”

(Espere por uma resposta)

(Nota: utilize esta questão as vezes que forem necessárias para assegurar que todos os detalhes do evento são descritos)

10c. “Conta-me mais sobre (pessoa/objecto/atividade referidos pela criança)”

(Espere por uma resposta)

(Nota: utilize esta questão as vezes que for necessária ao longo desta secção)

10d. “Tu contaste que (pessoa/objeto/atividade mencionada pela criança), contame tudo sobre isso”

(Espere por uma resposta)

(Nota: utilize esta questão as vezes que for necessária ao longo desta secção)

(Se estiver confuso sobre determinados pormenores (por exemplo, sobre a sequência dos eventos), pode ser útil dizer:)

“Já me contaste muitas coisas, e isso foi muito útil, mas estou um pouco confuso(a). Para ter a certeza que percebi, começa pelo princípio e conta-me (como é que tudo começou/ o que é que aconteceu exatamente/ como é que tudo acabou/ etc.)”

Questões focalizadas relacionadas com a informação relatada pela criança

(Se ainda faltam alguns pormenores centrais da alegação ou são pouco claros após a utilização exaustiva de questões abertas, utilize questões diretas. Importante salientar que deve utilizar, sempre que apropriado, questões diretas emparelhadas com questões abertas/solicitações à elaboração)

(Nota: primeiro foque a atenção da criança no pormenor referido, e depois coloque a questão direta)

Formato geral das questões diretas:

11. Contaste que (pessoa/objecto/atividade), (realização da questão direta)

Exemplo:

1. “Tu contaste que estavas nas lojas. Onde estavas exactamente?” (pausa para a resposta) **“Conta-me mais sobre essa loja”**

2. “Há pouco disseste que a tua mãe ‘te bateu com essa coisa comprida’.
Contame mais sobre essa coisa.”

3. “Tu falaste de um(a) vizinho(a). Sabes o seu nome?” (pausa para a resposta)
Fala-me sobre esse teu vizinho” (Não pedir uma descrição)

4. “Tu disseste que um dos teus colegas viu isso. Como ele se chama?” (pausa para a resposta) **“Conta-me o que ele estava lá a fazer.”**

Segmentação dos Eventos

12. “Isso aconteceu uma vez ou mais do que uma vez?”

(Se o evento aconteceu uma vez, prossiga para o Intervalo).

(se o evento aconteceu mais do que uma vez prossiga para a questão 13. LEMBRE-SE DE EXPLORAR OS EVENTOS INDIVIDUAL E DETALHADAMENTE CONFORME ESTÁ DESCRITO A SEGUIR)

Exploração de Eventos Específicos Quando Existem Vários

Questionamento Aberto

13. “Conta-me tudo sobre a última vez (a primeira vez/na altura em que no (localização)/na altura que (alguma atividade específica/outra vez que te lembres bem) **em que aconteceu alguma coisa.”**

(Espere por uma Resposta)

13a. “E depois o que aconteceu?” ou **“Conta-me mais sobre isso.”**

(Espere por uma Resposta)

(Nota: Utilize esta questão quantas vezes for necessário ao longo desta secção)

13b. “Pensa nessa (dia/noite) e conta-me tudo o que aconteceu, desde (eventos precedentes mencionados pela criança) até (alegado evento abusivo conforme descrito pela criança)”

(Espere por uma Resposta)

(Nota: utilize variantes desta questão as vezes que for necessário até que todas as partes do evento sejam elaboradas pela criança)

13c. “Conta-me mais sobre (Pessoa/objeto/ atividade referida pela criança)”

(Espere por uma Resposta)

(Nota: Utilize esta questão quantas vezes for necessário ao longo desta secção)

13d. Tu disseste que (Pessoa/objeto/ atividade referida pela criança). Conta-me tudo sobre isso”

(Espere por uma Resposta)

(Nota: Utilize esta questão quantas vezes for necessário ao longo desta secção)

Questões focalizadas relacionadas com informação descrita pela criança

(Se ainda faltam alguns pormenores centrais da alegação ou são pouco claros após a utilização exaustiva de questões abertas, utilize questões diretas. Importante salientar que deve utilizar, sempre que apropriado, questões diretas emparelhadas com questões abertas/solicitações à elaboração)

(Nota: Primeiro deve focalizar a criança no detalhe mencionado, e só depois coloque a questão direta)

De seguida está o formato geral das questões diretas:

14. “Tu contaste que (Pessoa/ objeto/ atividade referida pela criança), (Como/ Quando/ Onde/ Quem/ Qual/ O quê) (conclusão da questão direta)”

Exemplos

1. Tu contaste que estavas a ver televisão. Onde é que estavas exatamente?

(Espere por uma Resposta)

“Conta-me tudo sobre isso”

2. “Há pouco contaste que o teu pai “te bateu”. Conta-me exatamente o que ele te fez”

3. “Tu contaste que estava lá um amigo. Como é que ele se chama?

(Espere por uma Resposta)

“Conta-me o que estava a fazer”

4. “Há pouco contaste que o teu tio “etc.” (deu-te um beijo na boca/ fez sexo contigo/ etc.). Conta-me exatamente o que ele te fez.”

REPITA TODA A SECÇÃO PARA TODOS OS EVENTOS MENCIONADOS PELA CRIANÇA QUE QUER VER DESCRITOS. A NÃO SER QUE A CRIANÇA TENHA ESPECIFICADO APENAS DOIS EVENTOS, PERGUNTE SOBRE “O ÚLTIMO” E DEPOIS “O PRIMEIRO”, E DEPOIS “OUTRA VEZ QUE TE LEMBRES BEM”.

VI. INTERVALO

(Diga à criança:)

“Agora quero ter a certeza que percebi tudo e ver se há mais alguma coisa que preciso de te perguntar. Eu vou só (pensar sobre o que me disseste/ rever as minhas notas/ conferir com NOME)

(durante o Intervalo, reveja a informação que recolheu, veja se falta alguma informação, planifique o resto da entrevista. **CERTIFIQUE-SE DE FORMULAR AS QUESTÕES FOCALIZADAS POR ESCRITO.**)

Depois do Intervalo

(de forma a obter mais informações importantes que ainda não foram descritas pela criança, coloque questões diretas e abertas adicionais, conforme foi descrito anteriormente). Utilize questões abertas (“Conta-me mais sobre isso”) depois de realizar uma questão direta. Depois de finalizar estas questões, proceda para a secção VII).

VII. Obter informação que ainda não foi mencionada pela criança

(Deve utilizar estas questões apenas se já tentou utilizar outras abordagens e ainda entende que falta informações de relevância forense. É muito importante emparelhar questões abertas (“Conta-me tudo sobre isso”) sempre que possível)

(Nota: No caso de vários eventos, deve direccionar a criança para os eventos relevantes utilizando as palavras da própria criança, colocando questões focalizadas apenas depois de ter dado oportunidade à criança de elaborar sobre os detalhes centrais do evento)

(ANTES DE PROSSEGUIR PARA O PRÓXIMO EVENTO, CERTIFIQUE-SE QUE OBTEVE TODAS AS INFORMAÇÕES EM FALTA SOBRE O EVENTO ESPECÍFICO)

Formato geral das questões focalizadas em informação que ainda não foi mencionada pela criança

“Quando me contaste sobre (evento específico identificado no tempo ou espaço) disseste que (Pessoa/Objeto/Ação). (Questão focalizada)?”

(Espere por uma Resposta)

(Quando apropriado, continue com uma questão aberta; diga:)

“Conta-me tudo sobre isso”.

Exemplos:

1. “Quando me contaste sobre a altura em que estavam na cave, disseste que ele(a) tirou as calças dele(a). Aconteceu alguma coisa com as tuas roupas?”

(Espere por uma Resposta)
(Depois da criança responder, diga:)

“Conta-me tudo sobre isso”.

(Espere por uma Resposta)

2. “Quando me contaste sobre a última vez, contaste que ele te tocou. Ele tocou-te por cima da tua roupa?”

(Espere por uma Resposta)
(Depois da criança responder, diga:)

“Conta-me tudo sobre isso”.

(Espere por uma Resposta)

3. “Ele tocou-te por baixo da tua roupa?”

(Espere por uma Resposta)
(Depois da criança responder, diga:)

“Conta-me tudo sobre isso”.

(Espere por uma Resposta)

4. “Contaste que alguma coisa aconteceu no recreio. Alguém viu o que é que aconteceu?”

(Espere por uma Resposta)
(Depois da criança responder, diga:)

“Conta-me tudo sobre isso”.

(Espere por uma Resposta)

5. “Sabes se aconteceu alguma coisa parecida com outras crianças?”

(Espere por uma Resposta)
(Depois da criança responder, diga:)

“Conta-me tudo sobre isso”.

(Espere por uma Resposta)

6. “Contaste-me que alguma coisa aconteceu no celeiro. Sabes quando é que isso aconteceu?”

(Espere por uma Resposta)
(Depois da criança responder, diga:)

“Conta-me tudo sobre isso”.

(Espere por uma Resposta)

VIII. Se a criança não menciona as informações esperadas

Utilize apenas as solicitações que são relevantes.

Se tiver conhecimento de conversas em que a informação foi mencionada diga:

1. “Contaram-me que falaste com (...) no (data/local). Conta-me o que falaram.”

(Se a criança não fornece mais informação, coloque a questão 2; Se a criança fornece mais informação, diga:)

“Conta-me tudo sobre isso”

(Prossiga com outros estímulos abertos?, como “Conta-me mais sobre isso”, se necessário)

Se tem conhecimento de anteriores revelações e a informação ainda não lhe foi revelada diga:

2. Contaram-me (ele/ ela disse-me) que tu contaste (sumário da alegação, especificando sem mencionar, se possível, detalhes incriminatórios). Conta-me tudo sobre isso.”

(Prossiga com outros estímulos abertos?, como “Conta-me mais sobre isso”, se necessário)

3. Se alguma coisa foi observado, diga:

A. “Contaram-me que alguém viu (...). Conta-me tudo sobre isso.”

(Prossiga com outros estímulos abertos?, como “Conta-me mais sobre isso”, se necessário)

Se a criança negar, continue com a 3b.

B. Aconteceu alguma coisa contigo em/no (tempo/espço)? Conta-me tudo sobre isso.”

(Prossiga com outros estímulos abertos?, como “Conta-me mais sobre isso”, se necessário)

Se a criança apresenta/apresentou lesões ou marcas físicas, diga:

4. “Vejo (Disseram-me) que tu tens (marcas/te magoaste/tens um dói-dói) no (...). Conta-me tudo sobre isso.”

(Prossiga com outros estímulos abertos?, como “Conta-me mais sobre isso”, se necessário)

5. “Alguém te (sumário da alegação sem mencionar o nome do alegado perpetrador (a não ser que a criança já tenha referido o seu nome ou fornecido informações incriminatórias)”

Se a criança negar prossiga para a próxima secção.

Se a criança responder afirmativamente diga:

“Conta-me tudo sobre isso”

(Prossiga com outros estímulos abertos?, como “Conta-me mais sobre isso”, se necessário)

IX. Informação sobre a Revelação

“Tu disseste porque é que vieste falar hoje comigo. Contaste-me muita coisa e isso ajudou-me a perceber o que aconteceu.”

(Se a criança referiu que contou a outra pessoa as alegações, prossiga para a questão

6. Se a criança não referiu ter contado a outra pessoa, averigue sobre essa possibilidade dizendo:)

1. “Conta-me o que é que aconteceu depois (do último evento)”

(Espere por uma resposta)

2. “E depois o que é que aconteceu?”

(Nota: utilize esta questão as vezes que for necessária ao longo desta secção)

(Se a criança referir uma revelação, prossiga para a questão 6. Se não, coloque as questões seguintes.)

3. “Mais alguém sabe o que aconteceu?”

(Espere por uma resposta. Se a criança identificar alguém, prossiga para a questão 6.)

(Se a criança confirma mas não a identifica, pergunte:)

“Quem?”

(Espere por uma resposta. Se a criança identificar alguém, prossiga para a questão 6.)

4. “Agora quero saber como é que as outras pessoas descobriram o que aconteceu (último evento)”

(Espere por uma resposta. Se a criança identificar alguém, prossiga para a questão 6.)

(Se faltar informação, coloque as seguintes questões)

5. “Quem foi a primeira pessoa, para além de ti e do (alegado ofensor) a descobrir que (alegado abuso descrito pela criança)?”

(Espere por uma resposta.)

6. “Conta-me tudo o que consegues sobre como (“a primeira pessoa mencionada pela criança”) descobriu.”

(Espere por uma resposta.)

(Depois diga:)

“Conta-me mais sobre isso”

(Espere por uma resposta.)

(Se a criança descrever uma conversa, diga:)

“Conta-me tudo sobre o que falaram”

(Espere por uma resposta.)

7. **“Mais alguém sabe sobre (alegado abuso descrito pela criança)?”**

(Espere por uma resposta.)

(Depois diga:)

“Conta-me mais sobre isso”

(Se a criança descrever uma conversa, diga:)

“Conta-me tudo sobre o que falaram”

(Espere por uma resposta.)

(Se a criança não referir que ela contou a alguém pergunte:)

REPITA TODA A SECÇÃO SE NECESSÁRIO PARA CADA EVENTO DESCRITO PELA CRIANÇA

X. Conclusão

(Diga:)

“Hoje contaste-me muitas coisas, e eu quero agradecer-te por me teres ajudado”

1. **“Há mais alguma coisa que tu aches que eu deva saber?”**

(Espere por uma resposta.)

2. **“Há alguma coisa que me queiras contar?”**

(Espere por uma resposta.)

3. **“Há alguma pergunta que queiras fazer?”**

(Espere por uma resposta.)

4. **“Se quiseres falar comigo outra vez, podes ligar-me para este número de Telefone (forneça à criança um cartão com o seu nome e o número de telefone)”**

XI. Tópico Neutro

“O que vais fazer hoje depois de sair daqui?”

(Converse com a criança durante alguns minutos sobre um tópico neutro)

“São (especifique as horas) e esta entrevista está finalizada”

Anexo 3 – Exemplos de Entrevistas Recolhidas

S., 4 anos, género feminino

Olá, eu sou a Raquel! Já visto alguma vez isto? É um gravador... vou pousá-lo aqui para gravar aquilo que estamos a dizer, 'tá bem?

Por vezes sou um pouco esquecida e esqueço-me do que os meninos me dizem e assim é mais fácil recordar.

Eu vou pôr este filme e gostava que depois me disseses tudo sobre ele.

(visualização do filme)

Conta-me então tudo o que aconteceu no filme.

A filha sujou o vestido da mãe...

Fala-me mais sobre isso.

A filha sujou o vestido da mãe atrás com chocolate.

E o que é que aconteceu antes de ela sujar o vestido da mãe?

Estava a comer chocolate.

Conta-me mais sobre isso.

Não me lembro

E aquela senhora? Tu disseste-me que era mãe da menina, conta-me mais sobre a mãe.

Era a mãe desta menina (a rir).

Conta-me lá então o que aconteceu do início até ao fim.

É uma menina que 'tá... (silêncio).

Conta-me como começa e acaba o filme.

Pois... A menina estava a comer chocolate na cozinha e a mãe pediu-lhe pra... para apertar o vestido e ela sujou o vestido.

F., 4 anos, género feminino

Olá F. O meu nome é Raquel e este aparelho é um gravador e vai gravar aquilo que vamos falar aqui para eu não ter que escrever o que dizemos e depois não me esquecer.

Eu vou-te mostrar um filme e depois de o veres, vamos falar sobre ele.

(visualização do filme).

Fala-me então tudo sobre o filme.

Era uma menina.

Fala-me mais sobre isso.

Ela estava sentada na cozinha a comer chocolate.

E depois? O que é que aconteceu?

Depois a mãe chamou-a e depois a menina estava a pôr a bata à mãe.

Conta-me mais sobre a menina estar a pôr a bata à mãe.

Não sei.

Tu disseste que era uma menina, diz-me tudo sobre ela.

Não me tou a lembrar...

Disseste-me que aquela senhora era a mãe, fala-me mais sobre ela.

Já não sei... não me lembro...

Como já me disseste muitas coisas, para eu perceber tudo muito bem, gostava que me contasses o que aconteceu no filme, tudo desde o início.

A menina estava sentada na cozinha a comer chocolate e depois estava a pôr a bata à mãe.

G.S., 4 anos, género masculino

Olá, o meu nome é Raquel. Este objeto aqui é um gravador e serve para gravar o que as pessoas estão a conversar. Eu trouxe-o porque como ouço muitos meninos durante o dia e esqueço-me do que dizem, assim não preciso de escrever e fica gravado.

Guilherme, vou-te mostrar um filme e a seguir vamos falar sobre ele.

(visualização do filme)

Conta-me tudo sobre o filme.

Era... era... uma mãe e uma filha.

E depois o que é que aconteceu?

E depois foram ao doutor.

E depois? O que é que aconteceu?

Depois foram para casa e também foram para o parque.

Pensa nesse momento e diz-me o que aconteceu desde que a mãe e a filha foram ao doutor e foram para casa.

Não sei...

Tu disseste que aquela senhora era mãe da menina. Fala-me tudo sobre ela.

Ela saiu da casa do doutor e mais nada.

Fala-me agora tudo sobre a menina.

A menina tava a pegar numa coisa.

Fala-me mais sobre essa coisa.

Era um... tacho... que estava em cima da banca...

Tu disseste que a mãe saiu da casa do doutor, fala-me mais sobre isso.

Eu não sei mais nada...

Agora G., como já me disseste muitas coisas e para eu não ficar confusa, queria que me contasses tudo desde o início ao fim do filme.

Primeiro a mãe da filha levou a filha para o doutor. Depois ela estava sentada em cima da cadeira do doutor e depois o doutor disse para ela sair da cadeira e ir ter com a mãe.

L., 5 anos, género feminino

Olá, eu sou a Raquel. Isto é um gravador e vai gravar aquilo que estivermos aqui a falar. Sabes, às vezes sou um bocadinho esquecida e esqueço-me o que é que os meninos dizem e como eu já falei com muitos meninos hoje, como já deves ter visto, posso-me esquecer do que tu disseste. O que tu disseres é importante, e não quero confundir com o que disseram os outros meninos.

Eu vou-te mostrar um filme e depois quando acabares de ver o filme, gostava que me contasses tudo sobre ele. Vou pôr.

(visualização do filme).

Conta-me então tudo sobre o filme que viste.

A menina estava a comer chocolate e que mais... e depois... a mãe chamou-a

Hum...

Ela fechou o fecho e depois a mãe deu-lhe um beijinho.

E depois?

E depois a mãe não viu que 'tava com chocolate na camisola dela.

Disseste-me que a menina estava a comer um chocolate. Conta-me mais sobre isso.

(Silêncio).

O que te lembras de quando a menina estava a comer o chocolate?

(Silêncio).

Onde é que ela estava comer?

Na cozinha.

Conta-me mais sobre a cozinha.

A menina 'tava sentada na cadeira a comer o chocolate.

E conta-me então, mais coisas sobre a menina.

Ahm... quando a mãe chamou-a, a mãe não reparou que tinha chocolate na camisola e estava a dizer adeus à mãe e à filha, a rir.

Ela estava-se a rir. Fala-me mais sobre isso.

Porque a mãe não viu que tinha chocolate.

E depois? O que aconteceu?

A mãe foi-se embora.

Disseste-me que a senhora era a mãe. Conta-me mais coisas sobre a mãe.

A mãe chamou-a.

Conta-me mais sobre isso.

(Silêncio).

Disseste-me que a mãe tinha uma camisola. Fala-me dela.

Era branca e tinha chocolate...

Tu disseste até agora coisas muito importantes, e para eu perceber bem toda a história, gostava que começasses desde o início até ao fim. Que me contasses toda a história do filme.

A menina estava a comer chocolate sentada numa cadeira, e depois a mãe chamou-a para ir fechar o fecho, e depois a mãe deu-lhe um beijinho e a menina 'tava-se a rir porque ela tinha chocolate na camisola.

C.M., 5 anos, género feminino

O meu nome é Raquel. Isto que estás aqui a ver é um gravador e vai gravar aquilo que nós estamos a falar, porque me esqueço de algumas coisas e assim posso ouvir tudo mais tarde.

Eu vou-te mostrar um filme e depois gostava que me falasses sobre ele

(visualização do filme)

Fala-me tudo sobre o filme

Uma menina estava a comer chocolate e depois a mãe chamou-a.

E depois? O que aconteceu?

Disse-lhe para apertar o fecho e depois a mãe foi-se embora.

Tu disseste-me que a menina estava a comer chocolate. Fala-me mais sobre isso.

Ela estava na cozinha.

Fala-me mais sobre a cozinha.

Ela saltou do banco.

Falaste-me do chocolate. Conta-me tudo sobre o chocolate.

Ela estava a comer o chocolate em cima da banca.

Tu disseste que aquela senhora era mãe da menina. Fala-me tudo sobre ela.

(Silêncio).

Disseste-me que a mãe tinha um vestido. Fala-me sobre ele.

Era assim comprido e era às florzinhas... e não tinha alças.

Falaste-me também da menina... conta-me mais sobre ela.

Tinha umas calças e uma camisola. E a menina estava a comer chocolate em cima da banca e depois saltou para baixo quando a mãe a chamou.

Gostava que agora pensasses em tudo o que me disseste e me contasses tudo o que aconteceu desde o início até ao fim.

A menina estava a comer chocolate e a mãe chamou-a para apertar o fecho do vestido da mãe.

T.G., 5 anos, género masculino

Olá, eu chamo-me Raquel. Isto é um gravador e está a gravar aquilo que estamos a falar agora para eu não me esquecer daquilo que me estás a dizer.

Vou-te mostrar um filme, e gostava que depois me contasses tudo o que sabes sobre o filme.

(visualização do filme).

Conta-me então tudo sobre o filme que viste.

Aprendi que esta menina sujou a senhora.

Fala-me mais sobre isso.

A menina antes de sujar a senhora comeu o chocolate.

Estavas a dizer que a menina estava a comer o chocolate e depois sujou o vestido da senhora. Diz-me o que aconteceu entre essas duas coisas.

Magoou-a também quando abriu o fecho.

Conta-me mais sobre isso.

Ela disse “au!”.

Falaste-me dessa senhora. Conta-me mais sobre ela.

Não sei mais nada...

Disseste-me que ela sujou o vestido da senhora. O que é que aconteceu depois?

A senhora foi limpá-lo.

Conta-me tudo desde o início até ao fim do filme.

Começou com ela a comer um chocolate, depois deixou o chocolate lá na mesa, depois foi abrir o fecho e magoou-a, e depois sujou e a menina fugiu.

B., 6 anos, género feminino.

Olá, eu chamo-me Raquel. Isto é um gravador... está a gravar o que nós estamos a falar. Como sabes, já falei com muitos meninos, deves ter reparado, e depois eu esqueço-me do que os meninos me disseram. E com o gravador, o gravador ajuda-me a lembrar sempre.

Eu vou-te mostrar um vídeo, e gostava que tu visses todo, e no final vamos falar sobre ele.

(visualização do filme).

Fala-me então sobre o filme.

A menina comeu um chocolate e não lavou as mãos.

E o que é que aconteceu depois?

Molhou o vestido da mãe.

Conta-me o que aconteceu.

Ela tava a comer... chocolate.

Conta-me mais sobre isso.

Ela não lavou as mãos e sujou o vestido que era branco... da mãe.

Conta-me o que é que aconteceu entre ela ter sujado as mãos e não as ter lavado e ter sujado o vestido da mãe.

Ela sujou...

Tu disseste-me que a menina estava a comer um chocolate... Conta-me mais sobre o chocolate.

Sim... (silêncio).

Falaste-me sobre o vestido da mãe. Conta-me mais sobre isso.

Como é que era?

Fala-me tudo sobre ele.

Se era curto?

Conta-me o que te lembras dele...

Era comprido e...

E mais?

Não sei...

E sobre a menina? Fala-me sobre ela.

Não me lembro de mais nada...

E a mãe da menina? Fala-me sobre ela.

Não sei.

O que já me disseste foi muito importante. Gostava que agora me disseses tudo o que aconteceu desde que a menina está a comer o chocolate até ao fim do filme.

Era uma menina que comeu o chocolate e não lavou as mãos, e sujou o vestido da mãe.

A., 6 anos, género masculino.

Olá, eu sou a Raquel. Isto é um gravador e vai servir para gravar o que vamos falar. Vamos ver um filme e assim o gravador grava tudo o que me disseste, e eu não me esqueço.

Vamos então ver o filme.

(visualização do filme).

Conta-me então tudo sobre o filme.

Aconteceu que a miúda estava a comer chocolate e não lavou as mãos.

E depois? O que aconteceu?

E depois sujou o vestido da mãe.

Disseste-me então que a miúda estava a comer chocolate e depois sujou o vestido da mãe. O que aconteceu entre ela estar a comer chocolate e sujar o vestido da mãe?

A mãe chamou-a.

E depois?

E depois foi fechar o vestido e sujou.

Disseste-me que a menina estava a comer o chocolate. Onde é que ela estava?

Sim, na cozinha.

Conta-me mais sobre isso.

E depois foi para o corredor e ajudou a mãe a apertar o vestido.

Tu disseste-me que a senhora era mãe da menina. Fala-me mais sobre ela.

Ela sujou... o vestido da mãe e a mãe não viu. Ela estava com o vestido branco e era bonita.

Gostava que pensasses no filme todo e me contasses tudo desde o início ao fim.

A menina estava a comer um chocolate na cozinha e esqueceu-se de lavar as mãos. A mãe chamou-a e ela foi ao corredor apertar o vestido branco dela e sujou-a.

G., 6 anos, género masculino.

Olá, eu sou a Raquel. Este objecto que vês aqui é um gravador e vai gravar a nossa conversa, porque por vezes esqueço-me de algumas coisas e assim fica tudo guardado.

Gostava que visses um filme que aqui tenho e quando acabar, vamos falar sobre ele.

(visualização do filme).

G., gostava então que me falasses sobre o filme.

A menina ajudou a mãe a vestir o vestido, e depois a mãe disse “xau”.

E depois? Conta-me tudo...

(interrompeu) A mãe saiu de casa.

E depois? O que é que aconteceu?

Ela pediu o carro... a chave do carro à menina. A menina estava ali (aponta para a miniatura de cozinha da sala onde estava a decorrer a entrevista), a comer... em cima da coisa da cozinha.

Disseste que a menina estava na cozinha. Fala-me mais sobre essa cozinha.

Ela estava a comer lá... chocolate.

O que é que aconteceu entre ela ter comido o chocolate e ter ajudado a mãe?

A mãe chamou-a.

E o que aconteceu entre a menina ter ido ajudar a mãe a apertar o vestido e a mãe dizer “xau”?

Porque a mãe estava atrasada... e tinha que ir rápido.

Já me disseste muitas coisas importantes, e agora quero que me contasses desde o início.

(interrompe e fala rápido) A menina estava a comer chocolate no armário da cozinha e depois a mãe chamou-a. E depois a menina vestiu o vestido à mãe, arranjou-a e depois a mãe estava atrasada e chamou-a outra vez para ela ir encontrar a chave do carro que estava no quarto dela, que era todo cor de rosa e com brinquedos, e depois a mãe foi embora rápido. E depois a menina foi comer outra vez o chocolate.